

Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau

Direcção, Redacção e Administração:
Câmara Eclesiástica

- Sumário -

Parte Oficial

I — Cúria Romana

| | <i>Págs.</i> |
|--|--------------|
| Mensagem de Paulo VI para o Dia das Missões | 485 |
| A Vida e o Ministério do Sacerdote—discurso de Paulo VI | 491 |
| A Ideia de Serviço na Igreja | 495 |
| A Igreja dos pobres, alocução de Paulo VI | 501 |
| Sejamos verdadeiros sacerdotes, fortes e felizes de o sermos, discuso de Paulo VI | 505 |
| A Sagrada Escritura deve ser ouvida e meditada para sermos discípulos | |
| Observantes do Concílio, alocução de Paulo VI | 510 |
| Documentorum explanatio | 514 |

II — Cúria Diocesana

| | <i>Págs.</i> |
|---|--------------|
| Provisões | 516 |
| Circulares | 516 |
| Portaria | 517 |
| Seminário Diocesano—Resultados dos Exames finais | 518 |
| Jubileu de ouro Sacerdotal do Santo Padre | 519 |

Parte não Oficial

Parte Histórica

| | |
|---|-----|
| Luis de Almeida, S. J. — <i>pelo Pe. Manuel Teixeira</i> | 521 |
| O Seminário do meu tempo — <i>pelo Pe. Manuel Teixeira</i> | 583 |

Por nossa casa

| | |
|---|-----|
| 7.º Aniversário da Coroação do Papa | 609 |
| Contrato de S. Pedro | 610 |
| As «Bodas de oiro» sacerdotais do arcebispo de Goa | 610 |
| Partida do Pe. Lopez, S. J. | 611 |
| Colégio-Liceu «Yuet Wah» | 611 |
| Escola «Stella Matutina» | 612 |
| Festa da Catequese de S. Lourenço | 612 |
| O Dia da Marinha celebrado em Macau com várias solenidades | 614 |
| Nas mãos de Deus | 616 |
| Visitante ilustre | 616 |
| Bodas de prata sacerdotais | 617 |
| In Memoriam—Pe. Porfírio Rodrigues de Campos | 621 |

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
TIPOGRAFIA DA
MISSÃO DO PADROADO

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Ocorre este ano o IV Centenário da Missão Católica de Amakusa, cuja fundação se deve ao grande missionário e jesuíta português Luís de Almeida.

Além das autoridades e católicos japoneses, assistiram às celebrações centenárias, realizadas em Hondo a 23 e 24 de Maio deste ano de 1970, os representantes dos governos da Itália, Espanha e Irlanda. Portugal fez-se representar pelo Dr. José das Neves, primeiro secretário da Embaixada Portuguesa em Tóquio.

D. Paulo José Tavares, bispo de Macau, tomou parte nas celebrações como representante da Conferência Episcopal Portuguesa, lendo ao Evangelho da Missa, concelebrada por 5 bispos e 26 sacerdotes no dia 24 de Maio, a mensagem do Episcopado da Metrópole, a qual foi a seguir lida também em inglês.

Luís de Almeida é a figura missionária mais conhecida e venerada naquele arquipélago e o seu monumento ergue-se na Colina dos Mártires da cidade de Hondo.

Projecta-se um novo monumento a erguer em sua memória no lugar da sua sepultura por ocasião do IV Centenário da sua morte. O opúsculo que hoje publicamos, é o primeiro monumento histórico consagrado à memória de tão ilustre filho de Portugal.

Macau, 20 de Junho de 1970.

© Autor



LUÍS DE ALMEIDA, S. J.

MÉDICO, COMERCIANTE E MISSIONÁRIO

pelo
P. MANUEL TEIXEIRA

I PARTE

MÉDICO E COMERCIANTE

Nascimento

Ao dar a resenha da vida do P.^e Luís de Almeida no *Oriente Conquistado*, o P.^e Francisco de Sousa confessa a sua ignorância acerca da terra do seu nascimento: «Não, lhe sabemos a pátria onde nasceu em Portugal: e seria talvez porque nunca a declarou na Companhia» (1).

Foi necessário esperar até aos nossos dias para se fazer luz sobre o assunto: o P.^e Schurhammer descobriu nos Arquivos da Companhia em Roma que Luís de Almeida pertencia a uma família abastada de cristãos novos há muito fixada em Lisboa e que foi naturalmente nesta cidade que ele nasceu (2). Quanto ao ano do seu nascimento, escreve Bourdon: «Numa obra recente, o P.^e Wicki coloca o seu nascimento «entre 1513 e 1524» (3). Não sei como justificar o primeiro milésimo. Talvez se trate duma inadvertência do revisor ou antes dum lapso do autor, por «1523». Fróis declara que Luís de Almeida tinha «cerca de sessenta anos» quando morreu em Outubro de 1583 (4).

O primeiro testemunho leva-nos a 1523 ou 1524 e o segundo a 1525. Mas, por «trinta anos» não se poderá entender «a trintena?» Tem, pois, razão o P.^e Streit de se não aventurar demasiado ao escrever «circa 1525» (5).

(1) *Oriente conquistado*, c. IV, d. II, parágrafo 92.

(2) Cit. por León Bourdon, *Luís de Almeida, chirurgien et marchand* (Lisboa, 1949), 71.

(3) *Historia del Principio y Progreso de la Compañia de Jesus en las Indias Orientales*, do P. Valignano, Roma, 1944, p. 358 n. 57.

(4) *Cartas de Japão*, Évora 1598, II f. 79 v.

(5) *Bibliotheca Missionum*, IV, p. 384.

Cirurgião

Depois de cursar humanidades, dedicou-se à medicina, obtendo o seu alvará de cirurgião, datado de Almeirim, a 30 de Março de 1546, que é do teor seguinte:

«Dom Joham, etc. A quantos esta minha carta for mostrada, faço saber que, confiando eu de Luis d'Almeida, morador em Lisboa, que nisto me servjra bem a serviço de Deos e meo e proveito de meu povo, e por lhe fazer graça e mercê, ey por bem que daquy em diamte posa usar e praticar da arte e sciencia de serllogia per todos os meus reynos e senhoryos, por quamto fuy certo pollo doutor mestre Gill meu sorllogiam moor a quem o eu mandey examinar, e elle o examinou e o achou auto e soficiemte pera usar da dita sciencia, e portanto mando a todollos juizes e justiçaes a que esta minna carta for mostrada que, pelo dito Luis de Almeida usar do que dito hé, o nam prendam nem comsyntam prender, amtes o leixem usar como dito hé... O qual Luis d'Almeida jurou em mynha Chamcelaria aos Santos Avangelhos que bem e verdadeiramente use do dito officio a serviço de Deos e meu e proveito de meu povo. Dada em a vylla de Allmeiry m aos XXX dias de março de milbe Rbjj annos. Manuel de Llemos a fez» (1).

Erra, pois, o Dr. P. J. Peregrino da Costa, quando escreve em *Medicina Portuguesa no Extremo Oriente* (Bastorá, 1948) p. 38: «Quer tivesse sido capitão-mor da Índia sob as ordens do Vice-Rei D. João de Castro quer fosse comerciante, como o era e de avultados capitais, pois que há três anos andava em viagens entre a China e o Japão quando se fixou no Japão mas arvorando-se dum momento para outro em cirurgião e até mestre de uma escola de cirurgia tudo leva a supor que não tivesse habilitações médicas e que o «especial dom do Nosso Senhor em cirurgia,» como refere o Padre Baltasar Gago, ou que a «sua especial habilidade para a cirurgia,» como frisa Murdoch e sobretudo intuitos de evangelização o tivessem levado para o campo de medicina, em que se notabilizou (2)».

(1) Cf. Léon Bourdon, o. c., 72.

(2) *Medicina Portuguesa no Extremo Oriente* (Bastorá, 1948), p. 33.

Partida para o Oriente

Rodrigo Marin afirma que Luís de Almeida, «antes de vestir a roupeta da Companhia, havia exercido, sob as ordens do imortal vice-rei D. João de Castro, o cargo de capitão do mar da Índia, tornando-se notável pela sua bravura num dos cercos de Diu» (1).

O Dr. Peregrino repete o mesmo: «E na Índia já capitão-mor sob as ordens do Vice-Rei D. João de Castro—segundo refere Marin—Luís de Almeida torna-se notável pela sua bravura nos cercos de Diu; e o relatório da 3.^a expedição de socorro a Diu, em 1546, de D. João de Castro, cita os seus serviços no ataque à fortaleza maometana nos seguintes termos... fiz prestes três caravelas para ao outro dia pela manhã bater as paredes e baluartes que os mouros tinham feito em defesa da praya;... e nelles mandei por capitais Luis de Almeida, Antonio Leme e Francisco Fernandes por serem boos cavaleiros e homens de muita experiencia no mar; os quais se foram apeguar com os muros e baluartes dos mouros e os baterão desde que amanheceu até noite com grande perigo seu porque da terra lhes tiravão muita artelharia que lhes passava os navios de parte a parte, por muitos lugares; mas aprouve a Nosso Senhor que não morresse ninguem... os feridos foram: Luis de Almeida que esteve em hua caravela na bataria» (2).

O mesmo repete Artur Levy Gomes, afirmando que «o padre jesuíta Luís de Almeida (era) antigo capitão-mor da Índia, ao serviço de D. João de Castro, tendo-se tornado notável pela sua heroidade num dos cercos de Diu» (3).

Este capitão Luís de Almeida «bom cavaleiro e homem de muita experiencia no mar», é diferente do nosso biografado que nesse ano de 1546 era um rapaz de 21 anos, sem experiência alguma, e se achava em Lisboa, onde completou o seu curso de cirurgia.

(1) *O Renascimento do Município Macaense*, p. 174.

(2) Peregrino da Costa, o. c., p. 30. Em nota observa: «A ser o mesmo Luís de Almeida, devia ser muito novo, cerca de 21 anos de idade, quando do cerco de Diu, em 1546.»

(3) A. L. Gomes, *Esboço da História de Macau* (Macau, 1957), p. 71.

Bourdon opina que Almeida embarcou para a Índia em 1548 na nau *S. Pedro* ou na *Conceição*, em que navegaram os padres jesuítas Gaspar Barzeu, superior, Baltasar Gago, Belchior Gonçalves e os irmãos Luís Fróis e João Fernandes, também jesuítas (1).

O P. Acácio Casimiro, S. J. afirma que Almeida partiu para o Oriente em 1550: «No Oriente, para onde embarcou em 1550, dedicou-se ao comércio, juntando grossos proventos» (2).

O Capitão da Sta. Cruz

Citando a *História de S. Francisco Xavier* de J. M. S. Daurignae, o Dr. Peregrino da Costa escreve:

«Luís de Almeida, que fazia já há alguns anos o comércio com a Índia, China e o Japão, foi o capitão da célebre nau «Santa Cruz» que levou S. Francisco Xavier para Sanchoão e que dali trouxe na mesma nau o cadáver do Santo para Malaca. Quando S. Francisco Xavier, em 1552, quis embarcar de Malaca para a China na nau «Santa Cruz» do seu amigo Diogo Pereira, o Governador de Malaca D. Álvaro de Ataíde e Gama por questões pessoais opôs-se terminantemente que Diogo Pereira fosse. E, apossando-se da nau «Santa Cruz», deu o comando a Luís de Almeida a quem impôs 25 marinheiros que tinham recebido suas instruções, suas promessas e suas ameaças e anuncia que a «Santa Cruz» vai partir para Sanchoão e que ele o manda negociar por sua própria conta. E assim o Padre Francisco Xavier embarca na nau «Santa Cruz», comandada por Luís de Almeida e chegam a Sanchoão em princípios de Setembro». (3)

Há aqui dois erros: a) Luís de Almeida não era o capitão, mas sim o piloto da nau; o capitão era Afonso de Rojas; b) O governador de Malaca não era D. Álvaro, mas seu irmão D. Pedro da Silva da Gama. D. Álvaro era capitão-mor, como muito bem nota o P. Francisco Xavier Filipucci: «D. Alvaro de Ataíde, ou da Gama, foy filho de D. Vasco da Gama, descobridor da Índia, e irmão de D. Estevam da Gama, V. Rey da Índia, de D. Christovão da Gama, glorioso capitam e martir em Etiopia, e de D. Pedro da Sylva,

(1) Boudon, o. c., 73.

(2) A. Casimiro, S. J., *Enciclopédia Verbo*, I Vol.

(3) Dr. Peregrino da Costa, o. c., p. 31.

que foi capitam de Malaca e amicissimo de S. Francisco, ainda no tempo que D. Álvaro perseguia ao Santo. Este D. Álvaro impedio a ida para a China a S. Francisco antes de tomar posse da capitania de Malaca» (1).

Ora, ainda que o Dr. Almeida fosse o piloto, se ele se achasse em Malaca nessa altura, não tomaria o partido de D. Álvaro, mas o de Xavier. É que ele era um católico demasiado piedoso para não ver a injustiça do Capitão. 3) Em Sanchoão, Xavier foi sangrado duas vezes pelo barbeiro da nau, «mas, diz Peregrino, com tão pouca sorte, que em vez de puncionar a veia, atinge o nervo; o doente desfalece, tem violentas convulsões e o mal vai-se agravando, até que vem a morrer no dia 2 de Dezembro».

Ora se ali estivesse o cirurgião Luís de Almeida, não seria o barbeiro que trataria do doente com mão tão desajeitada. O próprio Dr. Peregrino notou esta anomalia; não a sabendo resolver, estranhou que o Cap. Almeida não tivesse tratado dele.

Pierre Charles «informa que Luís de Almeida estudara medicina»; e o Dr. Peregrino comenta: «A ser verdade, é estranho que achando-se ele em Sanchoão, em 1552 e de mais a mais capitão da nau que conduziu S. Francisco Xavier e tendo-o até na enfermaria do navio durante uns dias, não o socorresse, não tratasse dele e nem sequer o sangrasse, quando ele adoeceu». (2)

A explicação é simples: esse capitão ou piloto é diferente do cirurgião, devendo identificar-se com o que se distinguiu no segundo cerco de Diu.

Continua Peregrino da Costa citando Daurignac: «Já todos os navios, excepto a «Santa Cruz» se retiraram; o frio aperta e eis que um dia, em 20 de Novembro, o Padre Francisco Xavier, ardendo em febre, com uma violenta dor num dos lados do peito e grande opressão (pneumonia?)—e conduzido por dois homens vem pedir asilo na enfermaria de «Santa Cruz».

(1) G. Schurhammer, *Epistolae S. Francisci Xaverii*, II, 461, nota 1.

(2) Schurhammer, o. c., 556.

O capitão Luís de Almeida, apesar das ordens de D. Álvaro de Ataíde, para não o tornar a receber na nau e de o abandonar em Sanchoão, recebe-o e acolhe-o na enfermaria, entre marinheiros e soldados. A arfagem do navio faz ainda redobrar o sofrimento de Xavier e ele pede que o tornem a levar para a terra. Levam-no e Jorge Álvares torna a abrigá-lo na sua cabana». Morre a 2 de Dezembro. Dispondo-se Luís de Almeida a fazer-se de vela para a Índia, suplicou-lhe Jorge Álvares que não deixasse o corpo de Xavier em Sanchoão. Luís de Almeida envia dois dos seus homens, com ordens de abrir o esquife. «Acham-no incorruto e levam-no na Santa Cruz para Malaca, aonde chega a 22 de Março de 1553» (1).

Há aqui vários erros: a) Além da «Santa Cruz», ficou em Sanchoão o navio do Cap. Diogo Vaz de Aragão, amigo de Xavier; b) não foi em 20 de Novembro que Xavier foi levado para a nau nem Luís de Almeida era o capitão da nau; c) não foi acolhido no beliche do comandante; d) Jorge Álvares já não se achava em Sanchoão, pois havia partido no seu navio; quem o acolheu na sua cabana foi Diogo Vaz (2); e) como Jorge Álvares não estava em Sanchoão, nada pediu a Luís de Almeida.

O P. Belchior Nunes Barreto, em carta para Sto. Inácio, relata o que ouviu a alguns dos que estavam em Sanchoão. «Entre eles o capitão do navio em que ando agora... Este lhe dissera que estando o navio no porto, o Padre-Mestre Francisco se recolhera uma noite no seu beliche e, ao outro dia de manhã, não o viram sair como costumava. Foram encontrá-lo imerso na oração e os de fora ouviram-lhe os frequentes suspiros, dizendo: *Jesu, filii David, miserere mei*. Passara todo aquele dia (30 de Novembro) sem comer nem beber, nem responder aos que o chamavam à porta e não lhe ouviam senão os frequentes suspiros e palavras de amor para Deus saídas das entranhas daquela sua tamanha caridade.

No dia seguinte, que foi quinta feira, primeiro dia de Dezembro, disse que se sentia mal e queria que o levassem para terra» (3).

(1) *Ib.*, 31.

(2) Schurhammer, o. c., p. 500, nota 9.

(3) Cf. Augusto Casimiro, *S. Francisco Xavier e os Portugueses*, (A. G. U., Lisboa 1954) p. 490.

O piloto da nau «Santa Cruz» nada tem que ver com Luís de Almeida, futuro jesuíta no Japão e as razões são as seguintes: a) Peregrino, citando Dourignac, diz que o Cap. Almeida, que em 1552, levou Xavier a Sanchoão, «fazia já há alguns anos o comércio com a Índia, a China e o Japão»; ora o Dr. Almeida parece ter partido de Lisboa em 1550 com 25 anos de idade e com o curso de cirurgia; em 1552, tinha 27 anos. Tendo apenas dois anos de Índia, dificilmente poderia ser piloto duma nau. b) Schurhammer, citando Diogo de Couto, Sebastião Gonçalves e Lucena, informa que D. Álvaro substituiu a equipagem da «Santa Cruz» por uma equipagem nova de 25 homens, todos da sua confiança e o Capitão «que lhe aprouve Afonso de Rojas e Luís de Almeida como piloto» (1).

Sobre o assunto escreve Bourdon: «Sebastião Gonçalves conta que o capitão do navio de Diogo Pereira, a «Santa Cruz» que, em Julho de 1552, conduziu Francisco Xavier de Malaca a Sanchoão, se chamava Luís de Almeida. Era este o Luís de Almeida de que falamos ou um de seus homónimos? A primeira opinião não se deve rejeitar em bloco. Quando, nos últimos dias de Novembro, o Apóstolo, consumido de febre, pediu ao seu companheiro, o chinês António de Santa Fé, se não era melhor deixar a cabana de ramos onde vivia há três meses e recolher-se à «Santa Cruz» ancorada ao largo, foi-lhe respondido que lá acharia alguém «para o tratar»: Mas como explicar então que, informado do estado do ilustre paciente que, após uma noite muito má, quis no dia seguinte ser levado para terra, Luís de Almeida não se haja inquietado mais da sua sorte, deixando-o morrer sem lhe prestar qualquer assistência médica? Ora ninguém ignora que em Malaca o «Capitão-mor do mar», D. Álvaro de Ataíde, depois de se haver oposto a que Diogo Pereira se desempenhasse da sua embaixada junto do Imperador da China, confiara a «Santa Cruz», sequestrada, a um estado maior da sua escolha e podemos estar certos de que, como o Mestre da equipagem, Afonso de Rojas, que havia sido recompensado pelos seus serviços e favores, especialmente em 1547, com o posto de juiz da alfândega de Malaca, o Capitão Luís de Almeida havia desde há muito dado as suas pro-

(1) O. C., II, 461.

vas, sendo forçoso identificá-lo com aquele que, em 1545, havia obtido o comando da fortaleza de Malaca (1) e, em 1546, após uma brilhante conduta no segundo cerco de Diu, havia sido nomeado «feitor» de Bengala» (2).

Ida ao Japão

Fróis, na sua *Historia de Japam*, sob a rubrica de 1552, informa que um jovem e rico mercador de nome Luís de Almeida foi um dia de Hirado a Yamaguchi para visitar Cosme de Torres (3).

Bourdon, porém, inclina-se a crer que Almeida só foi ao Japão em 1555 num navio comandado por Duarte de Gama que se achava na baía de Cantão, donde enviou Almeida no seu navio para Malaca.

Numa carta de 7 de Janeiro de 1556 aos Irmãos de Goa, Fróis diz que Gama partiu de Malaca para o Japão em Março de 1555: «Na nao de Duarte da Gama hia hum mancebo que entendia muyto bem de sorogia... por nome Luís de Almeida». Mas Mendes Pinto, em carta de Macau, ao Reitor do Colégio de Goa, de 20 de Novembro de 1555, diz que esse homem era capitão da nau de Gama: «Luis Dalmeyda que era capitão». Bourdon afirma que o cirurgião Almeida era o capitão da nau; que em Lampacao ele entregou o comando a Duarte da Gama e partiram ambos para o Japão, chegando a Hirado em Julho de 1555.

Fixação no Japão

Como Fróis diz que Almeida foi ao Japão em 1552, Schilling concluiu erradamente que ele entrou imediatamente ao serviço da missão sem jamais sair do Japão (4).

(1) Bourdon engana-se. Não há nenhum capitão de Malaca com o nome de Luís de Almeida. Os capitães nessa época foram: Rui Vaz Pereira Marramaque (1542-1544); Simão Botelho de Andrade (1544-1545); Garcia de Sá (1545); Simão de Melo (1545-1548). Vid. *Macau e sua Diocese*, Vol. IV, p. 471.

(2) Op. cit., 74-75.

(3) *Historia de Japam*, f. 14.

(4) *Das Schulwesen der Jesuitenmission in Japan*, Münster 1931, p. 44.

Peregrino da Costa escreve: «O ano de 1552, de fixação de residência no Japão, de Luís de Almeida, mencionado por Marin, não está de acordo com a data indicada na carta do Padre Melchior Nunes—1554—que parece a mais aceitável pois que em 1553, como vimos, Luís de Almeida se encontrava em Malaca de regresso de Sanchoão.

O ano de 1552 é, pois, segundo refere a História da Missão Japonesa do Padre Luís Froes, contemporaneo de Almeida, o da sua primeira viagem ao Japão e já então a sua fortuna orçava por três mil cruzados. Durante dois anos Luís de Almeida continuou as suas viagens de comércio entre Malaca, China e Japão, aumentando a sua fortuna e em 1554 fixou-se definitivamente no Japão (1).

Há aqui dois erros: 1) Almeida não se fixou no Japão em 1552 ou 1554, mas em 1555; 2) o P. Fróis não escreveu nenhuma «Historia da Missão Japonesa,» mas sim a «Historia de Japam».

Gago escrevia a D. João III, a 20 de Setembro de 1555: «Este anno socedeo ficar neste Bungo hum Portugues por nome Luiz Dalmeida, para estar recolhido e tomar os Exercicios espirituais da Companhia.» Três dias depois escrevia ele aos Confrades da Índia: «Luiz Dalmeida, que cá fica este anno»... (2).

Boxer em *Fidalgos*, 30, escreve: «No ano seguinte (1555) havia três navios portugueses no Japão, indo todos para Hirado, — Duarte da Gama na sua carraca; Diogo Vaz de Aragão nun junco; e um navio pertencente a Luís de Almeida, que depois se fez jesuíta e foi um dos mais devotados e operosos missionários da Ordem no Japão. Com os lucros auferidos nesta e noutras viagens no Mar da China, fundou dois hospitais em Bungo, um para orfanato e outro para doentes de sífilis e de lepra. Não sabemos qual destes fidalgos era o Capitão-mor». Noutra obra (3), Boxer corrige-se assim: «A afirmação nos meus *Fidalgos in the Far East*, p. 30, de que Luís de Almeida visitou o Japão num terceiro navio este ano (1555) é errónea. Ele foi no navio de Duarte da Gama»...

(1) Peregrino, o. c., p. 33, nota 1.

(2) Bourdon, o. c., 91, nota 2.

(3) *The Great Ship from Amacon*, Lisboa, 1959, p. 22, nota 3.

Ao que parece, neste ano (1555) foram dois navios portugueses a Hirado mas temos apenas informação definitiva a respeito da carraca comandada por Duarte da Gama; não é definitivamente certa a presença em Hirado de outro navio (ou junco), comandado por Diogo Vaz de Aragão. É virtualmente certo que a carraca de Duarte da Gama tocou em Macau aí pelos meados de Novembro na sua viagem de regresso, onde se achava o jesuíta Padre Mestre Belchior Nunes Barreto e o seu humilde (mas para a posteridade mais famoso) colega e noviço Fernão Mendes Pinto» (1).

Boxer baseia-se em Bourdon. Este conta que, depois que Almeida desembarcou em Hirado com Duarte da Gama em Julho de 1555, foi a Funai convidar um jesuíta para confessar a equipagem. Algumas semanas depois, regressou com Gago a Hirado. Voltou de novo a Funai para fazer os exercícios espirituais, sob a direcção dum jesuíta, pois queria descobrir a sua verdadeira vocação.

Quais os motivos da sua fixação no Japão? Responde o próprio Almeida: «Quero dizer que, assi como de cima tudo por Deus hé ordenado, ordenou ficar em esta terra, e que creio não deixará de ser para seu santo serviço e algũa parte de minha salvação. E o principal meu intento de ficar foi para qua fazer algum pequeno serviço a nosso Senhor, e ver que me hia chegando aos trinta anos, idade que manda a Igreja que cada hum se determine na vida que ha de ter para que, seguindo e tomando o estado que lhe nosso Senhor der a sentir, não viva em pecado mortal. De maneira que, parece-me que pera escolher o tal estado hera necessario pedir ayuda a quem ma podesse dar que hé Christo nosso Senhor, determiney de ficar este ano nesta terra em companhia do Padre Balthesar Gago pera que neste tempo me determine na vida que nosso Senhor me der a sentir que sera seu santo serviço e minha salvação».

Bourdon comenta:

«A sua decisão não foi exclusivamente inspirada pelo zelo religioso. Diz ele, é verdade, que a sua principal intenção foi à de «fazer algum pequeno serviço a Nosso Senhor» e, chegado a idade crítica dos 30 anos, orientar a sua vida no sentido que lhe

(1) Boxer, *ib.*, 21-22.

fosse inspirado por Deus. Mas, diz igualmente que a Providência que, do alto do céu, ordena todas as coisas deste mundo, tinha querido que ele ficasse no Japão, o que, no seu entender, não deixaria de ser proveitoso para o «santo serviço de Nosso Senhor», de contribuir para assegurar, em certa medida, a salvação da sua alma. Numa palavra, tem-se a impressão clara que, a exemplo de muitos outros comerciantes portugueses, Luís de Almeida invernou no Japão por motivos comerciais, talvez então mais urgentes por estar prestes a acabar a sua sociedade com Duarte da Gama, que ia voltar em breve, definitivamente, para a Europa. Prevendo, porém, que as suas ocupações profissionais lhe deixariam, durante cerca de dez meses, muito tempo livre, quis aproveitar esta oportunidade para se pôr nas mãos de Baltasar Gago, a fim de examinar escrupulosamente a sua consciência, e dedicar-se às obras de misericórdia para as quais o predispunha a formação médica e cirúrgica adquirida outra em Lisboa». (1)

A fortuna de Almeida elevava-se já a quatro ou cinco mil cruzados. A um amigo que partia para a China confiou dois mil cruzados para, se fosse necessário, poder o Vice-Provincial da Companhia, Belchior Nunes Barreto, comprar um barco que o levasse de Lampacao ao Japão, como refere o mesmo Barreto em carta de 23 de Novembro de 1555: «(Luís de Almeida) vendo que eu não chegava a Japão, crendo que poderia ser por falta de embarcação, entregou dous mil cruzados a hum amigo pera ho negocear se fosse necessario para irmos a Japão.»

Na carta que acompanhava o donativo, datada de Firando (Hirado), a 16 de Setembro de 1555, diz Almeida: «Senhor, la vay Nuno Alvarez deste porto pera a China, o qual me leva dous mil cruzados pera me laa fazer em fazenda e tornarmos a trazer a este porto. Porque sendo caso que Vossa Reverencia aja mister dinheiro, nelle achara todo o que ouver mister, principalmente não avendo navio que pera qua venha, que o possa trazer e o quizer comprar. Nuno Alvarez leva lembrança tudo o que Vossa Reverencia determinar se fazer».

(1) L. Bourdon, *Uma Carta inédita de Luís de Almeida ao Padre Belchior Nunes Barreto* (separata da «Brotéria», Vol. LI, fasc. 2-3, Ag.-Set. 1950), p. 12.

Bourdon, que publicou esta carta inédita, comenta: «Na realidade, no espírito de Luís de Almeida, a maior parte dos 2.000 cruzados destinava-se à compra de mercadorias, e provavelmente de sedas da China, que Nuno Álvares deveria trazer para o Japão na monção seguinte» (1).

Acerca da fortuna de Almeida informam Murdoch e Yamagata: «Ao passo que Charlevoix refere que ele empregou 50 mil cruzados, toda a sua fortuna, construindo hospitais em Funai, uma informação posterior diz que ele empregou só 4 mil cruzados no comércio, em benefício das obras de assistência no Japão» (2).

«Foi o primeiro que com o seu cabedal sustentou os Padres de Japão por que de sua prata fez cabedal com que se começou o trato que agora há que hé o remedio daquella Christandade» (3).

O P. Horácio de La Costa, S. J. observa: «Luís de Almeida, comerciante de Macau que depois entrou na Companhia, investiu 4 000 ducados no comércio em favor da missão. O investimento era inteiramente administrado por alguns comerciantes seus amigos; os jesuítas apenas recebiam o juro» (4).

Bourdon diz também que a sua fortuna montava a 4.000 cruzados (5).

Vocação religiosa

Na carta de 16 de Setembro de 1555, Almeida confidenciava ao P.^e Melchior: «E crea que hua das cousas de que mais gosto levo, hé que per fim deste tempo trara nosso Senhor a Vossa Reve-

(1) Uma carta inédita, in «Broteria».

(2) *History of Japan*, 1542-1621, por Murdoch e Yamagata, 1903.

(3) *Pontos do que me alebrar*, cit. por Boxer, *the great Ship from Amacon*. 46.

(4) H. de la Costa, S. J., *The Jusuits in the Philippines*, 1581-1768. Harvard University Press, Cambridge — Massachusetts, 1961, P. 55. Note-se que Luís de Almeida não era comerciante de Macau, mas da Índia; nessa altura o comércio da Índia com a China e o Japão fazia-se pelo porto de Lampacáo.

(5) *Uma carta inédita*, in Brotéria. Bourdon confirma o seu testemunho citando uma carta de Fróis aos confrades de Goa, datada de Malaca a 7-1-1556, e ainda o P. Alexandre Valignano, em *Apologia*.

rencia a esta terra pera que me dee seu parecer pra em tudo se cumprir, declarandolhe minha determinação e vontade que me nosso Senhor der a sentir neste tempo que quaa fico».

Referindo-se a esta carta, escrevia o P. Melchior a 23-11-1555: «(Luís de Almeida) escreveume huma carta... que desejava que Nosso Senhor lhe desse a sentir como melhor pudesse salvar sua alma e que eu tambem nisso o aconselhasse em tomar modo de vida em que melhor pudesse servir a Deos Nosso Senhor e fazer aquilo para que foi criado» (1).

Por seu turno, Bourdon diz que a carta de Almeida esclarece todas as dúvidas: «Sem ela seríamos lavados a supor—e confesso ter sido eu mesmo tentado a fazê-lo — que desde o primeiro momento em que Luís de Almeida resolveu hibernar no Japão, já pertencia, ao menos de coração, à Companhia de Jesus. Na realidade, porém, encontrava-se ainda no limiar de uma crise de consciência que, sob a perpicaz direcção de Baltasar Gago, devia terminar com a sua admissão, sancionada em 1556 pelo Superior, Cosme de Torres, entre os pregadores do Evangelho no Japão». (2)

Entrada na Companhia

Fróis não dá a data precisa da sua entrada. Nieremberg dá a data de 1555. Bourdon, nota: «Mas, numa carta do princípio de 1556, onde faz alusão a acontecimentos anteriores ao mês de Outubro do ano precedente, Fróis declarava que, tanto quanto lhe era dado a conhecer, Luís de Almeida era ainda leigo. De resto, é muito improvável que, na ausência de Torres, o qual de Yamaguchi dirigia ainda, sete meses mais tarde, a missão, Gago tenha tido faculdades para o receber na companhia. O Visitador Alexandre Valignano dirá, vinte e cinco anos depois, que foi Belchior Nunes Barreto que o recebeu.

Mas de duas passagnes duma carta do Vice-provincial deduz-se que Luís de Almeida já estava inscrito na qualidade de Irmão entre os membros da Companhia quando este (provincial) desembarcou em Bungo em julho de 1556. À falta de informações mais pre-

(1) Ibidem.

(2) Ibidem.

cisas, julgo que a sua admissão foi pronunciada por Torres pouco depois de Maio de 1556, data em que os graves acontecimentos de que foi então teatro o Suwô obrigaram este a refugiar-se em Funai». (1)

Esta conjectura de Bourdon é por ele confirmada com o testemunho do próprio P. Cosme de Torres que, em carta aos confrades de Goa, de Funai a 7 de Novembro de 1557, declara: «Aca recebi um hermano que tiene donum curationis» (2).

O P. Francisco de Sousa narra assim a sua conversão e entrada na Companhia:

«Estando ainda no porto de Firando (Hirado) o Capitão Duarte da Gama, Benemerito da Companhia naquella missão, mandou a Bungo pedir algum Sacerdote para ouvir de confissão os Portuguezes. Foi a este effeito o Padre Balthesar Gago, o Irmão João Fernandes e o fervoroso Paulo Japonez, que com suas pregações converteram trezentos idolatras e celebraram um solemne Baptismo com grande gosto do mesmo Rei, que se mostrou mui affeioado à Lei de Christo. A conversão mais importante foi a de Luis de Almeida, mercador rico, de idade de trinta anos, de grande engenho, cirurgião excellente e de mediocres letras, que depois de se confessar com o Padre Gago, fez os exercícos espirituaes de S. Ignacio e trocado em outro homem renunciou a mercancia e se entregou todo aos Padres para os ajudar na conquista espiritual daquelle Imperio, e pouco depois se fez Religioso» (3).

Um Orfanato em Funai? (4)

Peregrino da Costa, p. 24, escreve: «E Luis de Almeida, o fundador de orfanatos no Japão, que decerto já conhecia o serviço de

(1) Bourdon, *Luis de Almeida*, p. 85.

(2) Bourdon, Uma carta inédita, in «Brotéria», p. 14.

(3) *Oriente conquistado*, c. 4, d. 2, p. 14.

(4) Funai, na Província de Bungo, ilha de Kiushu (ou Kiu-Liu ou Ximo), tem hoje o nome de Oita. Funai foi bispado do Japão (Vid. *Cedula Consistorialis*, 1588, em *Bullarium*, I, p. 251.) C. R. Boxer (*in Subsídios para a História dos Portuguezes no Japão*, 1542-1647, em «Boletim Geral das Colónias», 1927) apresenta uma pequena mas valiosa carta do Japão esquemática, que elucida

amas mercenárias, estabelecido desde o século XV no Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, para essas crianças expostas, não fez mais do que estabelecer idênticos serviços nessas remotas terras do Extremo Oriente, tornando-se assim o precursor dos serviços de assistência infantil no Japão. Eis como ao orfanato de Bungo se refere o Padre Baltasar Gago, numa carta a El-Rei D. João III:

«Além de outros males que há entre esta gente, é o de matar as crianças, tanto que nascem, pelo trabalho de as criar ou pela pobreza.

E porque neste ano sucedeu ficar neste Baugo um português por nome Luís de Almeida, dando-lhe conta do caso, se moveu logo e deu para isso mil cruzados e que pedissemos ao duque quisesse dar um mandado sob alguma pena que ninguém matasse crianças e que secretamente as tragam a um hospital que para isso haveria com algumas mulheres pobres cristãs de leite, com um par de vacas e outras coisas, para remédio de não perecerem à mingua».

Uma carta do Padre Melchior Nunes, datada de Cantão, de 21 de Novembro de 1555, dá também notícia sobre a fundação deste orfanato:...

«Termino esta carta por dois belos actos de generosidade de Luís de Almeida, nosso compatriota que achando-se no ano findo, no Japão — pois que ele frequenta muito essas paragens — e tendo tido conhecimento em Bungo pelo Padre Baltasar Gago dos extremos de ferocidade e de barbaridade que cometem as mulheres do país, matando seus filhos recém-nascidos, por não poderem criar pela sua pobreza, este negociante combinou com o P. Baltasar que, quando este fosse visitar o rei, lhe propusesse para acabar com esse horrível costume, prometendo da sua parte contribuir com o dinheiro

capazmente sobre a topografia dos lugares citados, bem como as zonas de influência estrangeira, em 1580. Uma outra carta do Japão, antiga, muito valiosa, publicou-se na *Brotéria*, 1928 (VII), pags. 336-337. Boxer compara o Japão social de 1580 à França feudal de 1200 a 1300 e à Espanha e Itália dos séculos XIII e mesmo artigo traz estampas com velhas figuras do colégio jesuíta de Funai, XIV. O da casa do noviciado de Usuki e dos seminários de Azuchi e Arima, dos Padres da Companhia no Japão.

que fosse necessário. O rei concordou com a proposta e tratou de arranjar amas para as crianças. Então Luís de Almeida fixou a sua residência em Cungo e construiu com grande satisfação do povo um hospital para baptizar e amamentar não só as crianças abandonadas, como para tratar de todas os pobres da cidade».

É claro que tudo estaria muito bem se a citação da carta do P.^e Melchior, que nos dá Peregrino estivesse correcta. Mas não; o P. Melchior não diz na sua carta que Almeida construiu um hospital em Bungo, mas que pensava construí-lo. Eis a versão correcta dessa carta datada de Macau, a 23-11-1555, para os confrades de Goa: «Hũ homẽ, por nome Luis de dAlmeida, muito conhecido nestas partes, foi este ano a Japão ã hũa nao, o qual, estando laa, foi a Bũgo, onde achou o Padre Balthazar Gago, e sabẽdo o mao costume q há na terra, s. quãdo as molheres q sam pobres parem e se não atrevẽ a mãter seus filhos, os matãõ ã nacẽdo, elle e o Padre Balthesar Gago falarãõ a elrei de Bũgo, o qual se obrigou a dar os meninos a amas, e o dito Luiz dAlmeida a fazer o gasto da criação. De maneira q fica ã Bũgo movido de propria piedade daquelas criãças, pera fazer hum espirital no qual se criassẽ estes meninos e foçem bautizados, assi mesmo as amas que as criassẽ cristãs pobres, da qual obra resultara muita edificação na terra toda de Japão» (1).

Daqui só se conclui que Almeida planeava fundar um hospital em Bungo, mas não se diz que o tivesse fundado.

Gago, em carta de 20-9-1555 para D. João III fala do mesmo projecto: «(Luís de Almcida) deu pera isso mil cruzados e que pedissemos ao Duque quisesse dar hum mandado sob alguma pena que ninguem matasse crianças e que secretamente as tragão a hum espirital que para isso averia com algumas molheres pobres cristãs de leyte com hum par de vacas e outras cousas para remedio de não perecerem a mingoa, as quaes em chegando se farião logo cristãs. Demos cõta disto ao Duque, dandolhe as rezões do bem que dahy se seguia. Folgou muito e mostrou muyto boa vontade, dizendo que elle sabia que era grande pecado matar os meninos, que da maneyra

(1) Cit. por L. Bourdon, *Uma Carta inédita de Luís de Almeida ao Padre Belchior Nunes Barreto* (in *Brotéria*, Agosto-Set. 1950), p. 4.

que quisessemos se faria. Cedo com a ajuda do Senhor se dera começo a esta obra» (1).

Fróis, em carta de Malaca a 7 de Janeiro de 1556, depois de dizer que Almeida fundou um hospital, diz que fez ainda um asilo: «Este mancebo tem feito outra casa e quando nascem os filhos destes, antes que os matem, pedeos que por amor de Deos lhos dem e aly os mãda criar pera elle depois os ensinar e lhes buscar remedio de vida».

Bourdon diz que Fróis toma uma esperança por uma realidade; mas que a verdade é que o asilo nunca viu a luz do dia.

O Hospital de Funai

Fróis diz na mesma carta acerca do hospital: «Luis Dalmeida ...cõdoendose das necessidades e desamparo dos pobres christaos enfermos... , fez hum espirital a sua custa, onde recolhe os pobres eos eura com muyto amor e charidade». (2)

Bourdon, que cita a carta, diz que Fróis não estava bem informado e que o Hospital de Funai só veio a ser organizado em princípios de 1557. Gago planeava-o talvez em 1555; mas isto não passava dum simples projecto.

Continua Bourdon: «Gago organizou algum tempo depois, em Funai, um «Hospital dos Pobres», que, por alusão à capela onde, meio século mais cedo, o trinitário Miguel Contreras, fundador da Misericórdia de Lisboa, havia distribuído aos pobres doentes os socorros que para eles mendigava nas ruas da cidade, lhe deu o nome de «Nossa Senhora da Piedade de Bungo».

A este dispensário onde os miseráveis de Funai vinham receber alguns cuidados, o médico e cirurgião Luíz de Almeida consagrou todos os recursos do seu saber. Para lutar contra o flagelo dos infanticídios, nessa época tão espalhado no Japão, teve também a ideia de aplicar mil cruzados à fundação dum orfanato, onde os recém-nascidos, abandonados pelas suas mães, seriam alimentados por

(1) Bourdon, *Luís de Almeida*, p. 83, nota 1.

(2) *Ibidem*, 82.

amas cristãs depois de terem recebido o baptismo. Mas, ainda que, segundo parece, o *Daimyô* de Bungo, lhe deu o seu apoio, este projecto, cuja realização trazia seguramente problemas muito espinhosos, não viu jamais a luz do dia. E é provável que os mil cruzados serviram alguns meses mais tarde para a fundação do célebre Hospital de Funai, ao qual Luís de Almeida assegurou uma direcção muito eficaz» (1).

O senhor de Bungo, Ôtomo Yoshishige (chamado mais tarde Ôtomo Sorin) dera em 1552 ao P. Gago um terremo para a construção dum igreja e presbitério em Oita.

Em 1557, no local da igreja construiu Luís de Almeida um hospital com um pavilhão para doentes curáveis e outro para leprosos. Sendo grande a afluência a este hospital, em 1559 levantou-se, em frente deste, outro maior, com 16 quartos e uma varanda destinada às operações. O risco parece haver sido de Almeida, que foi também architecto e mestre de obras. Foi este o primeiro hospital no Japão. O segundo hospital de leprosos no Extremo Oriente foi fundado em Macau em 1569 por D. Melchior Carneiro, S. J.

Conta o P. Francisco de Sousa: «Em Funai se fabricou este anno (1556) com as esmolas dos Portuguezes e particularmente de Luís de Almeida um Hospital com dous grandes repartimentos, em um dos quaes se curavam os leprosos, que naqueles Ilhas se tractam sem nenhuma piedade como homens amaldiçoados do Ceu: e contam-se cousas admiraveis de curas prodigiosas, que nelles se fizeram: no outro se recolhiam meninos e meninas, que os paes costumavam lançar nos campos e nas praias, ou por não terem molestia em os crear: e foram muitos os que logo depois de baptizados voaram ao Paraiso. Encheu tanto os olhos a El-Rei de Bungo esta obra de misericordia, que concorreu para ella com algum subsidio de dinheiro e mandou lançar um bando sob pena de morte, que ninguem dalli por diante matasse, ou engeitasse os filhos como d'antes, senão que os levasse aos Padres para os crearem no Hospital» (2).

(1) *Ibidem*, 82-83.

(2) *Oriente conquistado*, c. 4, d. 2, p. 14.

Este hospital, construído em 1557, era o Hospital dos Pobres. Em 1559, outro hospital se levanta para os não pobres. Luís de Pina escreve: «Mikami aponta o ano de 1556 como o da abertura de hospitais, a expensas do senhor feudal de Bungo Otomo Sorin, que entregou a chefia médica ao Dr. Luíz de Almeida. Schilling, em meu parecer, mais seguro, marca o ano de 1555 para a construção da primeira creche (1) europeia no Japão (missão de Oita, P.^e Luíz de Almeida), com amas cristãs; o P.^e Luíz de Almeida deu para esta obra, que criou, 1 000 cruzados, embora o daimio Otomo Poshistrige (não Sorin) (2) o auxiliasse; em 1557, a missão edificou um hospital para pobres no mesmo local (Oita); em 1559, outro, para os que pudessem pagar, em frente daquele (16 grandes quartos e residência do médico junto do edifício). Todas as espécies de pessoas auxiliaram o hospital, ou, melhor, hospitais, inclusivamente D. Sebastião, rei de Portugal; o próprio Luíz de Almeida; o já falecido daimio e tantos mais indivíduos de diversa condição (3).

Erra, pois, o P. Apolinar Pastrana, O. F. M., ao reclamar para os franciscanos a glória de terem levantado o primeiro leprosário no Extremo Oriente. Com o título de *The First Leprosarium of the Far East*, escreve ele no «Boletim Eclesiástico de Filipinas, Jan. Fev. 1965, p. 105, número comemorativo do Quarto Centenário do Estabelecimento da Igreja nos Filipinas: «O Hospital de S. Lázaro é uma das autênticas glórias de Igreja Católica e dos filhos do Serafim da Umbria...

Os frades fundaram o Hospital de S. Lázaro como leprosário em 1580, o primeiro que se regista nos anais da civilização do Extremo Oriente. Retiveram-no até 1891... Até 1603, este hospital era parte do Hospital para os Nativos; mas nesta data, as autoridades decidiram construir o hospital para as doenças contagiosas fora dos muros da cidade».

(1) Como vimos antes, esta creche não foi construída.

(2) Luís de Pina engaua-se; trata-se duma e mesma pessoa: Ôtomo Yoshisige (não Poshistrige) recebeu mais tarde o apelido de Sorin.

(3) Luís de Pina, *Expansão Hospitalar Portuguesa Ultramarina*, em «Brochéria», Nov. 1943, p. 424.

Não foram os franciscanos, mas os jesuítas que fundaram os primeiros hospitais de leprosos no Extremo-Oriente. Além do hospital de Oita, levantaram outro em Nagasáqui: «A *Carta Anua* de 1604 refere-se à assistência espiritual e corporal prestada aos leprosos e doentes pobres de Nagasáqui pelo jesuíta local *dojuku*» (1).

Relatos sobre os hospitais de Funai

O P. Baltasar Gago, em carta de Bungo, de 1 de Novembro de 1559, escrevia:

«Temos em Bungo dois hospitais, um dos quais é destinado aos feridos e aos doentes com chagas e o outro a todas as outras espécies de doenças. Este último acaba de ser construído este ano, foi dedicado à Visitação da Santa Virgem e é de madeira. Há dezasseis salas no hospital e a habitação do médico é contígua: o médico é ajudado por homens hábeis na arte de curar. Desde o verão último até hoje — 1 de Novembro — mais de duzentos doentes ali se curaram. Cosme não recusa ninguém, por mais desesperado que seja o seu estado; cancos, fístulas antigas com mais de dezassete a vinte anos já ali se curaram, sucesso que se deve atribuir antes à misericórdia divina do que a socorros médicos. Embora tenhamos na nossa Companhia um excelente cirurgião que habilitou muitos discípulos entre o pessoal da casa, há entre estes um que tem o duplo mérito de saber aplicar os medicamentos aos corpos e os remédios espirituais às almas. Além disso conhece admiravelmente a lingua japonesa, de forma que opera muitas conversões entre os doentes».

O Padre Baltasar Gago dá ainda, noutra carta, novas informações sobre o hospital: «Tem esta casa logo pegado um aposento para o fisico que há de ter cuidado com os doentes; tem derredor uma varanda a que saem todos os enfermos à vista de todos e aí se curam. Isto quanto aos que são de chagas e para as mesinhas de fisica há um japonês velho que tem o cuidado de as dar a tempo. E' esta uma pregação contínua que soa até o Miaco, onde está a cabeça do reino do Japão. De todos estas partes corre gente à fama

(1) Boxer, *The Christian Century in Japan* p. 204, os *Dojukus* ou dógicos eram uma espécie de oblatos dos jesuítas, que os auxiliavam no apostolado.

do hospital. Deste verão para cá são cuidados de toda a maneira de doença, cirurgia e física, mais de duzentos. Abriu o Padre a porta a todos e veem todos—desamparados e incuráveis...uns de sessenta anos e muitos mais, de vinte para cima, corroídos de cancro e afistulados. E para isso tem especial dom de Nosso Senhor o caríssimo Luís de Almeida na cirurgia, o qual tem feito alguns de casa já quase officiais em que entra o Irmão Duarte da Silva... Há duas maneiras de curar, convem a saber, de cirurgia e física. Vindo a Bungo Guilherme Pereira com todos os da nau doentes, aqui se curaram com estas mesinhas e todos guareceram; e como levaram algumas para a China e se acharam bem, pedem e rogam muito ao Padre que partam com eles. A cirurgia que se usa é à nossa maneira, como ordena o Irmão Luís de Almeida. Assim que de toda a doença vão daqui consolados, assim os cristãos como os gentios. Até agora sustenta-se esta obra com esmola dos cristãos e de alguns portugueses e com alguma coisa de casa e também El-Rei de Bungo tem dado alguma renda que apaziguada a terra, valerá cada ano trezentos cruzados; para isto há aí uma caixa e irmãos de Misericórdia que recolhem as esmolas».

O pavilhão de cirurgia e de operações deste hospital — refere Pierre Charles — fundamentando-se nas investigações de Schilling e nas cartas dos jesuítas, tinha a forma de um larga varanda; e no dispensário anexo, à hora da consulta externa, atendia-se a um grande número de doentes, dando-se-lhes os necessários medicamentos. Os clínicos assistentes do hospital percorriam ainda os arredores da vila de Bungo, afim de visitar os doentes nas suas residências; forneciam medicamentos aos que pudessem ser tratados nos domicílios e os doentes mais graves eram transportados ao hospital». (1)

O P. Sousa dá preciosas informações acerca do hospital de Oita: «Voava por todas estas ilhas a fama da milagrosa caridade, com que se curavam os enfermos no famoso hospital de Bungo e concorria até dos últimos fins do Império tanto número de gente a curar-se de cancros, apostemas e chagas antigas, que foi necessario acrescentar-lhe novas enfermarias este anno, no qual em menos de cinco

(1) Cf. Dr. J. P. Peregrino da Costa, o. c., p. 18-19.

mezes saíram sãs e valentes duzentas pessoas pela maior parte incuráveis, cooperando Deus milagrosamente com a sciencia do Irmão Luis de Almeida e com a caridade do Irmão João Fernandes e Duarte da Silva. Vinham de distantes paizes, nobres e Bonzos, para os quaes havia estancias separadas e melhor provimento. Os ricos da cidade ao tempo determinado para a cura dos enfermos se faziam levar ao Hospital e curados tornavam para suas casas. Nem carecia de remedio a gente camponeza pobre e miseravel, e que não tinha modo para se conduzir a Funai porque os nossos Irmãos os iam visitar e curar à suas proprias casas e lhes deixavam esmolas para se poderem sustentar. Não se pode encarecer com palavras o alto crédito, que esta obra grangeava à lei de Christo. Quantos eram os doentes que saíam sãos do Hospital, tantos eram os pregadores da Fé e piedade Christã, que tornando às suas terras não acabavam de magnificar o poder e a bondade do verdadeiro Deus: e não havia dia, que por este meio ou pela pregação dos Padres na cidade, se não baptizassem de oito até doze. E posto que eram tantos os dispendios, nunca faltava o necessario com as largas e voluntarias esmolas assim dos Christãos, como dos gentios. Havia muitos homens pios e virtuosos, que consagravam as vidas e fazendas ao serviço do Hospital. Contribuía de Portugal com suas esmolas o piíssimo Rei Dom Sebastião, os Portuguezes que contratavam no Japão e também El-Rei de Bungo lhe consignou pelo tempo adiante trezentos cruzados annuaes» (1).

O P. Johannes Laures narra: «Quando o P. Gago trabalhava em Bungo, recebeu a visita dum jovem e rico portugês, Luis de Almeida. Era um comerciante e tinha alguns conhecimentos de cirurgia, mas agora estava resolvido a consagrar a vida à missão do Japão. Desembarcou em Hirado, provàvelmente em 1554 (2), e daí dirigiu-se a Bungo para se encontrar com o P. Gago e consultá-lo acerca do seu futuro. Quando o Padre lhe disse que várias mães matavam as suas crianças por razões económicas, ele ficou tocado

(1) *Oriente conquistados*, c. IV, d. II, p. 18.

(2) Como vimos, Almeida foi lá em 1555, e não em 1554, na nau de Duarte da Gama; este, no regresso, encontrou o P. Melchior Nunes Barreto em Macau, e não em Lampacau, como afirma Laures.

de grande compaixão e ofereceu-se para levantar um infantário, onde as crianças pudessem ser alimentadas e tratadas. O governador de Funai (hoje Oita) aprovou a ideia. Almeida despendeu 100 cruzados em erigir e equipar o edifício e encarregou-se dele pessoalmente. Ôtomo deu ordem para que fossem entregues aos missionários as crianças indesejáveis e que trouxessem amas para as tratar. O infantário servia também de lugar de refúgio para os cristãos pobres. Não muito depois, Almeida fundou um hospital. Como era desconhecida no Japão a cirurgia, o próprio Almeida tratou os casos cirúrgicos e treinou auxiliares japoneses na cirurgia, que foi assim introduzida no Japão.

Os japoneses ficaram muito impressionados com esta obra caritativa e muitos, que haviam sido curados das suas doenças ou recebido auxílio financeiro, pediram o baptismo. Em resultado disto, o número de cristãos subiu em dois anos a cerca de dois mil. Mas o facto de todos eles pertencerem às classes inferiores ou de serem levados a aceitar o baptismo por gratidão pelos benefícios recebidos era um impedimento para as classes mais altas e mantinha-as afastadas. Criam que a religião cristã era a religião dos pobres e dos doentes. Assim as obras de caridade, longe de atraírem o povo à Igreja, como acontece habitualmente, produziam exactamente o efeito contrário.»

E mais abaixo, continua Laures: «Dissemos acima que em 1555 Almeida estabeleceu um infantário e não muito depois um hospital na capital de Bungo. Seja como for, havia em 1557 um hospital em Funai com duas secções, uma para leprosos e outros incuráveis e outra para doenças curáveis. Nesta segunda secção havia também um bloco para casos cirúrgicos, dos quais se incumbiu o próprio Almeida. Como resultado grande número de curas, a reputação deste hospital espalhou-se ao longe e ao largo até às mais remotas províncias do nordeste do Japão. Destas distantes regiões acorreram tantos bonzos, *samurais* e outra gente distinta para serem curados das suas doenças que o hospital não podia acomodar tantos doentes. Assim em 1559, construiu-se um segundo hospital muito maior. Ao passo que a antiga instituição tratava sobretudo a gente da classe pobre, o novo hospital destinava-se a servir às necessidades da gente da classe mais elevada.

Além de japoneses leigos, Almeida ensinou medicina e cirurgia a um bom número de irmãos jesuitas, dedicando-se todos os pais e irmãos a tratar e servir os doentes. As doenças internas foram tratadas, desde o início, sobretudo por japoneses e chineses leigos, um dos quais entrou na companhia de Jesus e eventualmente tomou a seu cargo a secção interna. Almeida obteve tais resultados no treino cirúrgico dos seus assistentes que em 1561 ele pode confiar-lhes a secção cirúrgica e consagrar-se inteiramente ao apostolado directo.

Os meios para a construção e manutenção destes hospitais provinham de várias fontes. Almeida pagou do seu bolso o infantiário e despendeu o resto da sua fortuna em hospitais e obras de caridade, excepto o que gastou em auxiliar os missionários. Outra parte do dinheiro foi dada pelos comerciantes portugueses que iam a Bungo para serem curados das suas doenças. O próprio Ótomo contribuía com uma soma anual de 300 a 500 cruzados, ainda que no primeiro ano o seu tesoureiro guardou para si esse dinheiro. Finalmente, a Irmandade da Misericórdia angariava fundos dos cristãos em forma de pequenos donativos» (1).

O Dr. Schilling escreve acerca do hospital fundado por Luís de Almeida: «A fama do hospital de Oita, alargou-se rapidamente até Miyako e subúrbios, mesmo até Bando (nordeste do Japão). Cristãos e pagãos, homens e mulheres, encontravam ali tratamento. Nem só os internados no hospital eram tratados; pelo contrário, o hospital tinha também uma secção de policlínica, onde os doentes de fora vinham à consulta e ao necessário tratamento» (1).

«Almeida fez, em seguida, serviço no hospital, como médico da instituição. Como não era apenas cirurgião, mas também médico de doenças internas, tratava e cuidava os feridos e também aqueles que eram acometidos doutras doenças.

Põe-se em especial relevo que tratava os que sofriam de cancro e fistulas com grande destreza, por intervenção cirúrgica. O próprio Almeida se admirava da eficácia dos remédios. Doentes que já

(1) Johannes Laures, *The Catholic Church in Japan*, pp. 22-24 e 33-34.

(2) Dr. Dorotheus Schilling, O. F. M., *Os Portugueses e a Introdução da Medicina no Japão* (Coimbra 1937), p. 20.

há 15 e 20 anos padeciam dos seus males foram curados em 30 e 40 dias. Conseguiu curar mesmo aqueles cujas doenças, em Portugal, eram consideradas incuráveis. No verão de 1559, curou para cima de 60 doentes graves e mais de 140 doenças internas e externas» (1).

Em 1561, entregou a direcção do hospital a um japonês e ele dedicou-se à obra missionária, exercendo só ocasionalmente a medicina. Florescia também em Oita a Irmandade da Misericórdia, que auxiliava financeiramente o hospital. Para melhor assegurar o trabalho deste, o P.^e Cosme de Torres fundou uma confraria segundo o modelo da Irmandade da Misericórdia; os 12 irmãos desta confraria viviam no hospital, tratando dos doentes e da assistência aos pobres. Incumbiam-se da administração, do alojamento dos doentes, da enfermagem dos arredores de Oita e da recolha e distribuição de do-nativos. Os remédios e instrumentos vinham da China, de Malaca e da Índia.

Almeida montou ali uma escola medico-cirúrgica, de que ele era professor, tendo formado vários médicos portugueses e japoneses.

Em 1562, tinha a clínica mais de 100 doentes internados, enquanto muitos outros vinham diàrimente à policlínica.

O hospital ainda existia em 1596. O Dr. Schilling opina que tivesse sido destruído no incêndio de Oita, em 1587, pelas tropas de Shimazu Yoshihisa (1533-1611), *dáimo* de Satsuma (2).

Em 1598, os Jesuítas mantinham no Japão as casas de lepro-sos de Nagasáqui, Urakami e Sakai. A Irmandade da Misericórdia de Nagasáqui contava 120 irmãos.

Muitos japoneses, tocados pela obra caritativa do hospital de Oita, pediram o baptismo, convertendo-se em dois anos cerca de 2 000, pois tantos foram os que o P.^e Torres encontrou em Bungo em 1556.

Boxer escreve: «A figura principal na fase primitiva deste tra-balho foi o P. Luís d'Almeida, descendente de «Cristãos novos», que tão generosamente dotou a missão por ocasião da sua entrada na Companhia. Com o apoio cordial de Ôtomo de Bungo, fundou um

(1) Ib., 23. Dáimio ou daimyô = grande nome eram senhores feudais, nobres. chefes de clã.

(2) Ib., 31.

hospital em Oita (Funai) para o tratamento de leprosos e sifilíticos, e também um orfanato para cuidar das crianças abandonadas. Almeida estabeleceu também uma farmácia que aprovisionou com ervas e medicamentos mandados de Macau e a sua organização parece ter sido, muito eficiente. Em 1559, dois anos após a sua fundação, havia ali sessenta doentes em estado grave, além doutros 140 que estavam convalescendo de doenças internas ou externas duma ou doutra natureza. Este hospital foi o primeiro da sua espécie erecto no Japão, e os doentes acorriam a ele de toda a parte.» (1)

O hospital de Oita era abastecido com medicamentos de Macau e de Goa, como diz Peregrino da Costa: «Segundo Pierre Charles S.J., a farmacopeia utilizada por Luís de Almeida resumia-se a princípio a drogas da China, que ele empregava segundo as indicações e as receitas do livro da medicina chinesa. Mais tarde, alguns medicamentos vinham de Goa e numa carta sua de 1564 a Nunes Barreto encontra-se uma lista de medicamentos que ele recomendava da Índia. Mas alguns medicamentos de origem vegetal para a confecção de cateplasmas, tisanas, revulsivos e cautérios encontrava-os no Japão. Quanto aos instrumentos cirúrgicos, é de supor que Luís de Almeida trouxesse de Portugal os necessários instrumentos e que depois os artífices japoneses os imitassem e reproduzissem segundo os modelos» (2).

Curas

O P. Sousa relata assim a cura do rei ou senhor do Gotô ... «adoeceu el-Rei gravemente de uma febre furiosa, com grandíssimas dores de cabeça, e abafamentos de coração, que o metiam em tresvarios... O certo é que o mal crescia a palmos, e quanto ele mais crescia, tanto mais se aumentava o ódio do povo contra os nossos (*jesuitas*), e (*contra*) quem os via com bons olhos; e indo visitar a el-Rei, foram repulsados... Peiorou pois el-Rei... Inspirado por Deus

(1) Boxer, o. c., 203.

(2) Peregrino da Costa, o. c., 36.

o Irmão Almeida se lhe mandou oferecer por um gentil-homem para o curar, e foi logo admitido, por não haver já outro remédio. Tomou-lhe o pulso e achando-o em mais perigo, que esperança de vida, nem por isso desconfiou de o sarar. Aplicou-lhe certas pirolas, que levava sempre consigo a benefício dos pobres e não sei que mezinha contra as dores de cabeça: exhortou-o a esperar a saúde do único e verdadeiro Deus dos Christãos, em cujas mãos estavam a vida e a morte: e com mais pressa do que costumam obrar os remédios naturais se achou o enfermo descarregado quasi no mesmo tempo da febre, das dores de cabeça e do abafamento do coração (1).

Peregrino da Costa menciona ainda os seguintes casos: «Algumas cartas de Luís de Almeida referem, porém, que as curas por ele realizadas eram numerosas e até de doenças consideradas incuráveis em Portugal. Foi sobretudo como cirurgião, em doentes com tumores, fístulas e principalmente nas feridas por armas de fogo que Luís de Almeida obteve grandes sucessos operatórios e numa carta de 5 de Novembro de 1569, refere que durante o verão desse ano tratava de 60 casos graves e de 140 casos benignos de feridas por armas de fogo. Foi ele o primeiro cirurgião que praticou no Japão a cirurgia de ferimentos por armas de fogo, facto que reivindica para os portuguezes não só a introdução da arma de fogo naquele país, como a dos procesos cirúrgicos de cura desses ferimentos.

Luís de Almeida não só introduziu no Japão esses processos, como empenhou-se em ensinar aos seus alunos japoneses essa técnica operatória e na sua carta de 25 de Outubro de 1562, ele refere-se a um cirurgião japonês, seu discípulo na seguinte passagem: «O Governador de Facata (Hakata) enviou um junco ao Padre Cosme (de Torres), pedindo-lhe que mandasse socorrer três dos seus officiaes que tinham sido feridos num combate com tiros de espingarda. Cosme mandou seguir immediatamente um jovem japonês da nossa casa, hábil cirurgião que extraiu as balas com admirável destreza» (2).

(1) *Oriente conquistado*, c. IV, d. I, p. 24.

(2) Peregrino da Costa, o. c., 35-36.



Outros Hospitais

Luis de Pina enumera os seguintes:

a) Hospital de Funai ou Oita e Escola Médico-Cirúrgica dos Bárbaros do Sul (1) (1555-1557-1559-1587) (2).

b) *Hospital de Nangasaque*:

Nesta pequena aldeia piscatória, concedida aos portugueses em 1567, houve uma casa da «Misericórdia e hospital com suas igrejas, que cada hũa he pequena, & estam a conta dos padres», que são «como hũa cassoula odorifera, que todo Iapam consolam». Fernão Guerreiro, *Relaçam*, ob. cit. (1611).

Em Nangasaque organizaram os japões, à moda europeia, e por indicação dos Padres Jesuítas, uma misericórdia, que muito bem servia aos doentes e necessitados (Compendio de algũas Cartas que esta anno de 97 vierão dos Padres da Companhia de IESU... do P.^e Amador Rebelo, 1598, p. 65); P.^e Fernão Guerreiro, *Relaçam*, ob. cit., 1603, p. 126.

c) *Hospital para leprosos (3) de Vehimé ou Velimê*: (4)

Não consegui localizar esta povoação nas cartas que examinei (Fernão Guerreiro, *Relaçam*, etc. 1603, p. 125):

«Em Vehimê se fizeram duas igrejas, e ha tambem hũa casa de leprosos, q se sustenta cõ as esmolas q o Padre lhe busca».

(1) Relembrem-se outros factos valiosos da influênciã portuguesa no Japão: introdução da imprensa, pelos Jesuítas; das armas de fogo (loc. cit), assim como da pólvora; de plantas úteis idas de Portugal (figueira, batateira, tabaco, etc.). Vid., a propósito, C. R. Boxer, Subsídios, loc. cit. e Dorotheus Schilling, *A introdução do tabaco no Japão*, em Actas do «Congresso do Mundo Português», vol. IV, Tom. II, Lisboa, 1940, etc.

(2) Segundo Pierre Carles, *Medicina Portuguesa no Japão*, loc. cit., em 1587, o daimio de Satsuma, Yoshihisa Shimazu, ataca Oita que, em grande parte, ficou destruída. Depois desta data, não se conhecem mais notícias do hospital do P. Luis de Almeida e da escola cirúrgica.

(3) A lepra estava extraordinãmenté derramada pelo Japão (Fernão Guerreiro, *Relaçam annual*, etc. 1606, III, Liv. 1, págs. 1 e 12). O citado hospital de Oita tinha uma secção para leprosos.

(4) Note-se que Veimé ficava em Nagasáqui.

d) *Hospital de Guifu*, no reino de Mino (Japão):

O mesmo P.^e Fernão Guerreiro (*Relaçam*), 1603, p. 187 e 190) diz:

«Na festa de nossa senhora nam faltam grandes convites, que os fidalgos se deram hũns a outros: de nossa casa se deu hum aos pobres do hospital...»; e se veo ao nosso hospital onde se fez christã...»

Escola Médico Cirúrgia dos Bárbaros do Sul

Luís de Pina relata: «O Dr. P.^e Luiz de Almeida cria uma Escola Médica e Cirúrgica, chamada *Escola Cirúrgica dos Bárbaros do Sul*, que logrou grande nomeada. Dos instrumentos cirúrgicos do tempo, ainda se conservaram muitos em Tóquio.

Fundado o hospital, (com larga policlínica, clínica deambulatoria, casa de saúde externa, etc.), e criada a Escola Médica, os primeiros estabelecimentos europeus desta espécie no Sol Nascente, o P.^e Luiz de Almeida, atendendo ao grande número de crianças engeitadas, funda uma creche ou infantário e vacaria anexa, a fim de alimentar suficientemente os infelizes inocentes, evitando a grande mortalidade infantil japonesa naquela região. É, neste particular, um dos mais activos e dedicados precursores da pediatria, em Portugal. Sem dúvida, este hospital de Oita, depois do de Goa, foi o primeiro e o maior do Ultramar e o europeu mais antigo do Japão.

O P.^e Luiz de Almeida foi um cirurgião insigne; a ele deve o império nipónico a introdução da medicina europeia nos seus sistemas médicos, ao tempo muito arredados dos nossos (1) Diz ainda: «a introdução da medicina europeia no Japão por via portuguesa, originou o da Anatomia ensinada pelos portugueses naquele Império ... Basta dizer-se que o ensino de cirurgia ali muito desenvolvido propelia às imprescindíveis lições anatómicas» (2).

(1) *Expansão hospitalar portuguesa*, in «Brotéria», Vol. 37, 1943.

(2) Pina, in *Petrus Nonius*, Vol. V—1942, nota 19 ao estudo sobre Francisco Sanches e Lacuto Lusitano.

Pina acrescenta:

«Depois da actividade médica de Luiz de Almeida, e sua escola, no princípio do século XVII, outro português, antigo jesuíta, Cristóvão Ferreira (conhecido entre os japoneses por Sawano Chuan), autor da valiosa obra *Namban Getacho* (Cirurgia dos Bárbaros do Sul), ensinou a cirurgia no Japão, onde deixou discípulos» (1).

Por ocasião da inauguração do monumento commemorativo do descobrimento do Japão pelos portugueses, em 1542, o ministro de Portugal nesse país, José da Costa Carneiro, proferiu um discurso em Novembro de 1917, em que disse: «Comerciante era igualmente Luís de Almeida, um dos portugueses que alguns anos mais tarde se veio estabelecer no Japão. Mas Luís de Almeida havia estudado medicina nas escolas de Portugal e havia durante anos exercido esse mister na Índia Portuguesa. Os primeiros hospitais que no Japão se organizaram — vão já decorridos quase quatro séculos — devem-se não só à sua iniciativa, mas também à sua generosidade e ao seu largo espírito caritativo. O seu nome ficou indissolúvelmente ligado à introdução neste país das primeiras noções das ciências médicas e cirúrgicas do Ocidente — esse período inicial de desenvolvimento da medicina japonesa a que os especialistas do assunto ainda hoje aplicam a designação de «Escola Namban», mas que com evidente justiça e mais propriedade se deveria designar como escola portuguesa» (2).

Kiichi Matsuda, referindo-se aos jesuítas em geral e a Luís de Almeida em particular, escreve:

«O comerciante Luís de Almeida ficou chocado pela maneira como os japoneses praticavam o infanticídio e abandonavam os filhos e pelo grande número de leprosos que viu no Japão em 1552. Fez-se jesuíta e em 1557 estabeleceu um hospital em Funai, na província de Bungo, onde ficou chefe dos serviços médicos. Iniciou um curso de instruções e obteve resultados notáveis na sua prática médico-cirúrgica e no tratamento da lepra. A sua fama espalhou-se de Myako a Kwanto, no Japão oriental. Mas, dois anos depois, a Companhia de Jesus decidiu que não era essencial ao missionário praticar a medicina, e Almeida foi forçado a deixar o cargo do hospital.

(1) Pina, in *«Brotérias»*, loc. cit.

(2) *Boletim da Agência Geral das Colónias*, n.º 32, Fev. de 1928.

Dali em diante, a prática da medicina foi considerada apenas como uma parte das «obras de caridade» do missionário e deixada quase inteiramente nas mãos dos franciscanos, que vieram para o Japão em 1593. O facto de em 1612 (1) Francisco Pasio, Visitador do Japão, ter dado novas ordens proibindo aos jesuítas a prática da medicina, mostra que a influência de Portugal no Japão neste aspecto não era pequena. A medicina portuguesa aliciou vários discípulos japoneses no campo da cirurgia, e o *Bangai Shuyo*, escrito por Yamamoto Gensen em 1619, tem sido considerado como o livro médico mais antigo da *Namban-ryu*.

Um jesuíta português, P. Cristóvão Ferreira, veio para o Japão em 1600 como provincial (2). Em 1633, foi punido por *Sakazuki*, forçado a servir como oficial do Shogun e a mudar o seu nome em Sawano Chuan. Não se sabe onde estudou medicina, que praticou activamente apesar da sua posição de intérprete oficial. Foi o autor dum tratado de medicina, *Namban-geka Hidensho*, e teve muitos sequazes, tais como Handa Junah, Sugimoto Chukey, Yoshida Ansai, Nishi Kichibei e muitos outros. O livro de Ferreira (Chuan) foi publicado com o título de *Oranda-jeka-shinan*, porque o emprego da palavra *Namban* desagradava às autoridades japonesas devido à sua política de isolamento nessa época. «Hoje (1718) deve-se evitar o vocábulo *Namban* e o seu emprego é estritamente proibido por *Kwanto* (o governo do Shogun). Esta escola deve, actualmente, ser chamada *Komo* (holandesa)», o que mostra que nos séculos 17 e 18 a medicina portuguesa prosperava ainda sob o nome de medicina holandesa (3), permitida nesse tempo. *Namban-ryu* significa cirurgia. Na prática geral, seguia-se a escola chinesa de medicina» (4).

(1) Francisco Pasio foi provincial do Japão de 1600 a 1611 e visitador em 1611-1612; faleceu em Macau a 30-8-1612.

(2) Note-se que Ferreira não entrou no Japão em 1600 nem foi provincial. Ele só lá chegou em 1609. O provincial de 1600 a 1611 foi Francisco Pasio. O P. Ferreira foi vice-provincial de 1632 a 1633, ano em que apostatou.

(3) Isto induziu em erro alguns escritores que atribuíram aos holandeses a introdução da medicina europeia no Japão. Um deles foi Vicente Dalmasas, *Medicina en la antiguidad. Japon*, in «El Dia Medico», Buenos-Aires, 6 de Maio de 1935.

(4) Kiichi Matsuda, *The Relations between Portugal and Japan*, Lisbon, 1965, pp. 67-68.

II PARTE

MISSIONÁRIO DO JAPÃO

Satsuma

Primeira visita de Almeida

O P.^e Baltasar Gago e os irmãos leigos Duarte da Silva e Pedro de Alcáçova aportaram a Kagoshima, em Satsuma, a 14 de Agosto de 1552. Foram recebidos com extrema delicadeza, pelo daimio Shimazu Takahisa, que se mostrara hostil a S. Francisco Xavier, forçando-o a sair da lá. A razão da sua nova atitude era o desejo de obter o negócio português da Nau do Trato ou Nau de Prata. Mas só em 1561 viu realizado o seu sonho. Tendo neste ano chegado um junco português a Kyodomari, Shimadzu entregou ao capitão uma carta para o P. Cosme de Torres, que se achava em Bungo, pedindo-lhe missionários.

Torres enviou Almeida e um irmão leigo japonês para Stsuma, os quais chegaram lá em fins de Dezembro de 1561. Almeida foi logo visitar os fiéis de Ichiki ou Ichiku, que lhe narraram as curas milagrosas operadas pelas disciplinas com que se flagelava Xavier, o qual as tinha deixado ali. Almeida baptizou nove adultos e várias crianças, algumas das quais eram filhas do senhor do lugar.

Passou dali a Kagoshima para agradecer a Shimazu o seu convite; este recebeu Almeida com toda a delicadeza e escutou atenciosamente o discurso do seu companheiro japonês sobre a religião cristã.

De Kagoshima Almeida partiu no navio do Cap. Manuel de Mendonça para Kyodomari; toda a tripulação caiu doente devido ao rigor do inverno, à escassez do alimento e à má qualidade da água; mas Almeida curou-os a todos. Baptizou ali nove adultos e regressou a Kagoshima. Vendo que poucos se convertiam devido à influência dos bonzos, decidiu conquistar a amizade destes; e assim visitou o pagode de Kukushoji da seita de Zen. O antigo superior Ninshitsu, amigo de Xavier, falecera em 1556; o seu sucessor havia também conhecido Xavier e fez muitas perguntas a Almeida, a que Xavier não pudera responder por ignorar a língua. Almeida curou-o duma doença dos olhos e este tornou-se seu amigo.

O superior do pagode de Nanriji visitou Almeida e ficou seu amigo. Ambos os bonzos ficaram muito impressionados com a doutrina cristã e prometeram baptizar-se com a condição de reterem os seus cargos e de practicarem o budismo ao menos exteriormente; mas Almeida não foi nisso. A amizade dos bonzos atraíu-lhe catecúmenos, sendo baptizados 36, dois dos quais pertenciam à corte de Shimazu. Estabeleceu ali uma casa de oração.

Durante a sua estadia de 4 meses em Satsuma, fez várias visitas a Ichiki, administrando ali uns 70 baptismos. Os dois bonzos pediram de novo o baptismo, mas Almeida não teve tempo de se ocupar deles, pois foi chamado urgentemente a Bungo para entrar em negociações com o dáimio de Omura.

Segunda visita

O superior do Japão, P. Francisco Cabral, enviou Almeida em 1577, a pedido do dáimio. Mas os bonzos moveram-lhe uma guerra surda, persuadindo o dáimio a que lhe não desse lugar na sua capital, Kagoshima, para levantar igreja, como ele pretendia.

O P. Fróis diz que havia alguma gente que desejava ouvir a pregação ocultamente, mas Almeida lhes dilatou o baptismo, esperando ocasião mais propícia para a evangelização dessa terra (1).

O P. Sousa refere também o pouco fruto desta segunda visita a Satsuma: «No reino de Soxuma, na cidade de Cangoxima, onde primeiro aportou S. Francisco Xavier, trabalhava este anno com pouco fructo, depois de lançado de Arima, o Irmão Luis de Almeida: mas abriu as portas à conversão um terrivel demonio surdo e mudo que o servo de Jesus Christo lançou fóra: e logo se baptizou toda a familia do invadido: e à fama do successo começaram muitos a pedir o Baptismo» (2).

Terceira visita

Foi um ano antes da morte de Almeida, ou seja em 1582.

Verificando o P. Gaspar Coelho, vice-provincial do Japão que

(1) Pe. Luis Frois, *Segunda Parte do Historia de Japam*, p. 2.

(2) P. Francisco de Sousa, *Oriente conquistado*, c. IV, d. II, parágrafo 27.

Satsuma se ia tornando cada dia mais poderosa, determinou mandar visitar e regalar com presentes alguns senhores dessas terras, «porq já hum Padre nosso, e hum Irmão tinhão rezidido perto de hum anno no porto de Amangawa (1), o qual elles pertendião fazer todo Christão, e dar o mesmo porto à Comp.^a para q lhe fizesse vir alli cada anno a nao da China» (2).

Depois de se assegurar da boa vontade do regedor principal que prometia dar em Kagoshima sítio para construir igreja, escolheu para essa missão «o P.^e Luiz de Almeida pelo conhecimento, q já tinha da terra, e dos Senhores do Reino havia muitos annos.

E posto q o P.^e Luiz de Almeida era sempre enfermo, e muito debilitado dos trabalhos q tinha padecido em Japão, todavia por ter para estas novas empresas particular talento, e dões q Deos lhe communicava, aceitou com grande gosto, fervor e alegria a missão, e foi del Rey bem recebido, e gasalhado, e pela boa industria q tinha foi vizitar algsũs Bonzos muito principaes pelos quaes el Rey de Saçuma se governa, q tambem lhe fizerão muita honra, e gasalhado, e lhe foi dado hum chão em lũa rua na mesma Cidade de Gangoxima, a onde por entretanto poderia fazer suas Çasas em q se agasalhasse» (3).

Havia um jovem atormentado pelo demónio, que dava muito que sofrer à família; esta levou-o a casa do P. Almeida, que o aliviou do demónio; o jovem, seu pai e sua madrasta pediram logo o baptismo, mas ele adiou-o.

Uma donzela de 18 anos foi também atormentada pelo demónio; os pais recorreram ao padre; este, feita a oração, «se foi cõ elles a onde a mossa estava ja quasi como deffunta, e fazendo alli outra vez oração sobre ella, de repente se levantou a mossa, e abrindo os olhos, levantou as maons ao Ceo, dizendo, q queria ser Christã: o pay, e a may, e os parentes ficarão tão admirados, que logo tambem se determinarão no mesmo» (4).

(1) Yamagawa, na parte meridional de Satsuma.

(2) Fróis, ob. cit. 296.

(3) Ob. cit., 297.

(4) Ib., 298.

Os bonzos coligaram-se e exigiram que o dáimio expulsasse o padre. Sabendo eles que um *samurai* o favorecia junto do dáimio, mataram-no à punhalada. Almeida viu-se forçado a regressar para junto do vice-provincial, em Takaku (1).

A fundação de Yokoseura

Estamos no ano de 1561. A missão central acha-se em Bungo à sombra protectora do dáimio Ôtomo Yoshishige. Em carta de 8 de Outubro de 1561, o Irmão João Fernandes sintetiza a situação da Igreja no Japão: «As igrejas que estão construídas são as seguintes: Em Miyako uma, onde está o P. Gaspar Vilela; e em Sakai se levanta agora outra e não há quem more nela... e em Yamaguchi, como já sabem, nos queimaram os inimigos a casa e nos tomaram o campo, e os cristãos se juntaram este ano e no campo dum deles levantaram uma igreja... Em Hakata há uma casa que fez o P. Baltasar Gago, a qual ainda que os inimigos d'El Rei de Bungo a haviam quase destruído, os cristãos a repararam e fizeram dela uma formosa igreja... Em Hirado há cinco ou seis igrejas... e a nove leguas daqui de Bungo, num sítio chamado Kutami, fez um cristão uma muito formosa. Em Kagoshima não há igreja material, mas espiritual, ainda que pequena... A ultima é esta de Bungo» (2).

O pessoal missionário compunha-se de dois sacerdotes, Baltasar de Torres em Bungo e Gaspar Vilela em Mikako, e os irmãos João Fernandes, Luís de Almeida, Duarte da Silva e Aires Sanches e ainda os irmãos japoneses Lourenço, Damião Paulo e Belchior.

Todos os dáimios de Kyushu queriam atrair aos seus portos o Kurofuné (navio negro), ou seja, a Nau de Trato de Macau. A oferta mais tentadora foi feita em 1561 ao P. Torres pelo dáimio de Omura, pedindo-lhe «que lhe mandasse um irmão para que manifestasse a lei de Deus na sua terra, e assim também queria fazer igrejas para as quais queria dar renda, a qual era o porto de Yokoseura, com todos os lavradores em duas léguas ao redor. E que neste porto não

(1) Takaku é uma região em Hizen, onde estão Kuchinotsu, Arima e Shimabara.

(2) *Cartas que os Padres e irmãos da Companhia de Jesus escreverao dos Reynos de Japão & China*, Evora, 1598, I f. 82, cit. pelo P. Diego Pacheco, in B. E. D. M., Fev. 1963, p. 169.

pudesse residir nenhum gentio sem permissão dos Padres, e que se os navios dos portugueses quisessem ir a este porto, isentava de todos os impostos a todos os mercadores, que viessem a negociar com eles, e isto por dez anos com outros muitos oferecimentos» (1).

A cessão deste porto por 10 anos foi feita à Igreja e não a Portugal, reservando Omura Sumitada para si o domínio. No entanto, quando ele quis levantar uma casa junto à igreja, pediu licença ao P. Torres.

Para tratar deste negócio, o P. Torres escolheu Luís de Almeida, que chegara a Bungo, vindo de Kagoshina, em Junho de 1562. A 5 do mês seguinte, Almeida, acompanhado do Ir. João Fernandes, parte para Omura. Deixando em Hakata o Ir. Fernandes, embarca com os Irmãos japoneses Belchior e Damião; este último desembarca em Hirado e Almeida segue com Belchior para Yokoseura, aonde aportam em 15 de Julho para dar início à fundação do porto que se chamaria «Nossa Senhora da Ajuda».

CRONOLOGIA DE YOKOSEURA

É-nos dada pelo P.^e Diego Pacheco:

1562 — A 15 de Julho o Ir. Luís de Almeida desembarca em Yokoseura.

A 16 vai a Omura e volta em 20 a Yokoseura.

Pouco depois, fins de Julho ou primeiros dias de Agosto chega o P. Torres.

Almeida vai de novo a Omura e volta ao cabo de cinco dias com os documentos assinados (da cessão de Yokoseura).

Começou-se a construir a igreja.

Na segunda metade de Agosto, Almeida sai para Bungo com os auxiliares japoneses Belchior e Damião.

Nove dias de viagem até Bungo; nove dias em Bungo para convidar o daimio Ôtomo Yoshishige. Empreende o caminho do regresso.

(1) Cartas, I, f. 109, cit. por C. R. Boxer, *The Great Ship from Amacon*, pp. 27-28; e pelo P. Pacheco, o. c., 172.

Em Hakata deixa Damião e recolhe o Ir. João Fernandes. A 22 de Setembro entram Almeida, Fernandes e Belhior em Yokoseura.

A 28 de Outubro a nau de Barreto (Pero Barreto Rolim) sai para Macau. Pouco depois, Almeida sai para as ilhas de Hirado. Dali a fins de Novembro chama o Ir. Fernandes, deixa-o ao cuidado da cristandade de Hirado e volta a Yokoseura a 2 de Dezembro.

No mesmo barco que levou Almeida, um «parau» de D. António, o esforçado senhor de Takushima, sai no dia 3 o P. Torres de Yokoseura. Almeida fica outra vez só. Com a ajuda de Paulo, jovem japonês, prepara a festa do Natal e organiza o apostolado.

1563 — Nos princípios de Fevereiro (depois do dia 2) volve o Ir. João Fernandes.

A 20 (véspera de S. Matias) volve Cosme de Torres. Na primeira semana da Quaresma (28 de Fevereiro—7 de Março) chega um emissário do daimio de Arima pedindo lhe enviem um Irmão. Por este tempo o P. Torres queixa-se dum pé e tem que desistir da volta a Bungo. No terceiro domingo da Quaresma (14 de Março) levanta-se uma grande cruz na colina em frente da igreja. Nesta terceira semana, Almeida com Belchior seguem para Arima. Na quarta semana (21-28) chega pela primeira vez Omura Sumitada com numeroso séquito. E lá fica vários dias; visita os missionários e ouve uma explicação da doutrina cristã. Volve a Omura.

Na segunda-feira santa volve outra vez Omura Sumitada; manifesta o desejo de construir uma casa perto da igreja.

Na quarta-feira santa (7 de Abril) volve Almeida, depois de frutuosa missão por terras de Arima. Celebra-se solenemente o tríduo sacro.

No sábado-santo, volve Omura Sumitada; sai do desembarcadouro ao pé da igreja. 11 de Abril, Ressurreição: procissão, de madrugada, à cruz do monte; festa solene.

Na segunda oitava da Páscoa, Almeida vai a Omura para reconciliar uns inimigos; feitas as pazes, segue para Arima com Belchior.

Depois da Ascensão (20 de Maio) o P. Cosme de Torres vai a Omura.

Volta depressa. Dois ou três dias depois chega um emissário de Sumitada pedindo um catequista. Como não há nenhum disponível, cinco ou seis dias depois Sumitada vai a Yokoseura com um grupo dos seus cavaleiros.

Na madrugada do terceiro dia após a sua chegada (provavelmente na primeira semana de Junho, oitava de Pentecostes) Omura Sumitada recebe o baptismo com 25 dos seus cavaleiros. No dia seguinte marcha para a guerra.

Em fins de Junho ou princípios de Julho chega a nau de D. Pedro Guerra.

Nela chegam os Irmãos Jaime Gonçalves e Miguel Vaz.

Na primeira semana de Julho volta Almeida. No dia seguinte vai ao acampamento de Omura Sumitada. A 15 de Julho, volve Almeida a Yokoseura e a 17 sai com o P. Monte para Bungo.

Pouco depois Omura Sumitada vai a Yokoseura, onde fica alguns dias.

Durante a primeira quinzena de Agosto, Sumitada insiste para que Torres ou, em seu lugar, Fróis vá a Omura. Torres está enfermo.

Pelo dia 13 chega o Ir. Aires Sanches com os pequenos cantores de Bungo.

A 14 de Agosto, solenes vésperas de Assunção cantadas pelos meninos. Cai doente o P. Fróis.

15 de Agosto, festa da Assunção: Profissão solene do P. Torres; grande festa. Assiste D. Luís Shinzuque-dono, que foi lá da parte de Sumitada a insistir na viagem do P. Torres. Pela tarde (domingo) D. Luís volve a Omura.

Segunda-feira, 16, chega pelo meio dia um nobre cristão, Damião, com grandes notícias.

Terça-feira, 17, volve a Yokoseura D. Luís; confirma as notícias de Damião, e insiste na viagem de Torres. Essa noite volta D. Luís e é assaltado e morto no estreito de Hario. Estala a sublevação em Omura.

Quarta-feira, 18, chegam a Yokoseura as notícias da noite anterior; ao entardecer os missionarios recolhem-se aos barcos.

Setembro 20, Almeida chega a Yokoseura. Dias depois, che-

gam notícias de que Omura Sumitada vai dominando a situação. Torres envia um mensageiro a saudar Sumitada. O inimigo, que ocupa Yokoseura, retira-se.

Em fins de Outubro, João Fernandes sai para Hirado.

A 14, Fróis escreve de Yokoseura.

A 17, Almeida escreve de Yokoseura.

Em fins de Novembro, Yokoseura é incendiada. Saem do porto os barcos portuguezes. Num barco de Arima saem Torres e Almeida. Num barco de Hirado sai Fróis» (1).

Confusões

Bento da França escreve:

«Pela epocha de que nos occupâmos, achava-se em Japão um portuguez de elevado character, por nome Luiz de Almeida, homem que empregou os lucros do commercio e o seu superior talento na conversão dos japonezes, obras pias, etc., etc.

Luiz de Almeida aventurou-se a prégar o evangelho nas ilhas do Gotto e, sobre isto, fundou varias igrejas. Conhecia perfeitamente a lingua japoneza e estava senhor da religião budhista. A estes trabalhos sacrificou sua fortuna e vida, fallecendo na cidade de Amacusa no anno de 1584.»

Gastão Mesnier, no seu notavel livro *O Japão* refere-se a Luiz de Almeida nos termos seguintes: «A Luiz de Almeida se deve a creação de grande numero de estabelecimentos portuguezes nas costas meridionais do Japão, e elle era tão estimado e querido dos daimios do sul, que obtinha tudo quanto desejava d'esses senhores. Construiu á sua custa magnificos hospitaes e asylos e, emquanto lhe durou um ceutil da sua fazenda, empregou-a em proveito e beneficio dos seus similhantes n'essas apartadas regiões. Entre as conversões importantes que se devem aos trabalhos de Luiz de Almeida e do padre Cosme Torres, deve citar-se a do senhor d'Omura, o celebre Sumitanda, que foi em seguida o mais entusiastico sustentaculo do christianismo.

(1) Diogo Pacheco, o. c., pp. 176-8.

É ainda a este benemerito que se deve a concessão do porto de Vocojura aos portuguezes. Este porto ficava no daimiato de Omura, que então era governado pelo grande Sumitanda, e foi-nos cedido por este a suggestões de Luiz de Almeida.

Pouco depois um irmão de Sumitanda quiz seguir-lhe o exemplo, convertendo-se ao christianismo, e realisou este desejo, depois de instruido pelo padre Torres.

Estes grandes progressos da religião christã aterraram os demais daimios, que se decidiram a mover crua guerra aos dois irmãos e a expulsar os portuguezes de Vocojura.

O primeiro recontro foi terrivel para os dois principes convertidos, que viram as suas forças rechaçadas e o territorio tallado pelos invasores, todavia, veiu em seu auxilio o nosso Luiz de Almeida que, medindo a profundidade do perigo, lhe buscou remedio, indo-se lançar aos pés do daimio velho, pae dos dois, que havia abdicado n'elles.

Este respeitavel ancião invoca os sentimentos de lealdade dos seus subditos, sáe com elles a campo, derruba os inimigos e volta de novo á vida particular; entregando a seus filhos as redeas do governo.

Sumitanda, depois de ter voltado a reger os seus estados, conservou-nos sempre muito affecto. Em 1569 fez-nos mercê de Nagassaki e em pouco tempo se encheu o porto de navios, se fez a cidade, se erigiram templos e levantaram fortalezas».

Há aqui vários erros e confusões.

Almeida não faleceu em 1584, mas em 1583.

O Senhor de Omura não concedeu o porto de Vocojura (aliás Yokoseura) aos portuguezes, mas aos jesuítas, como dissemos atrás.

Esse porto não foi cedido pelo «grande Sumitanda» (aliás Sumitada) «a suggestões de Luiz de Almeida»; este só teve conhecimentos dessa concessão quando o P. Torres o chamou a Bungo para ir a Omura tratar do assunto.

O irmão de Sumitada não se baptizou «pouco depois de instruído pelo padre Torres», pois este padre faleceu em 1570, succedendo-lho no cargo de superior da missão o P. Francisco Cabral. Arima Yoshisada, irmão de Sumitada, só recebeu o baptismo muito depois,

em 1576, das mãos do P. Gaspar Coelho, que lhe deu o nome de André.

Os daimios «não se decidiram a mover crua guerra aos dois irmãos e a expulsar os portugueses de Vocojura».

Já vimos que Arima Yoshisada não era cristão e, portanto, a guerra não era contra ele, mas só contra seu irmão. O intento dos rebeldes não era expulsar os portugueses, mas matar o cristão Sumitada e o P. Torres, devido ao fanatismo do dáimio contra os pagãos.

Também não é verdade que, após um terrível encontro, «os dois príncipes vissem as suas forças rechaçadas e o território talado pelos invasores».

Nem Yoshida se havia convertido nem a rebelião foi contra ele nem os rebeldes talaram o seu território. Eles apenas incendiaram o castelo da cidade de Omura, mas Sumitada conseguiu escapar-se para um castelo vizinho; ali resistiu a todos os ataques dos inimigos até que, com auxílio de seu pai Arima Haruzumi, os venceu. Quanto ao seu irmão Yoshisada, o ataque não veio destes rebeldes, mas dum dáimio seu vizinho.

É falso que Almeida, fosse «lançar-se aos pés do daimio velho, pae dos dois; que havia abdicado n'elles». Almeida não se meteu nesta guerra nem pediu nada a Haruzumi.

Também é falsa a afirmação de que «este respeitável ancião ... derruba os inimigos e volta de novo à vida particular, entregando a seus filhos as redeas do governo».

O seu primeiro gesto foi desterrar o seu filho Yoshisada, como refere o P. Sousa: «Pelo mesmo tempo El-Rei de Arima invadido de um Príncipe confinante foi constrangido a sair do Reino, fugitivo; e sem duvida se perderiam as coroas de ambos os irmãos, se o velho Xengandono (1) seu pae, que tinha renunciado o Reino, não tornasse a tomar o governo e sustentado com o favor dos Bonzos, dos quaes era devotissimo, não censervasse o que ainda restava por

(1) O seu nome era Arima Haruzumi. O Pe. Sousa chama-lhe Xengandono, mas talvez haja confusão com Chijiwa-dono, um dos filhos de Haruzumi. Este tinha os seguintes filhos: Yoshinao (depois Yoshisada), Sumitada, Naokazu e Tadashi e Marotsune (Cf. P. Luís Frois, *Segunda Parte da Historia de Japam*, Toquio, 1938, p. 125).

perder. O primeiro governo deste velho instigado pelos Bonzos foi desterrar a El-Rei de Arima seu primogenito, destruir as igrejas, quebrar as Cruzes e ordenar que todos os Christãos seus vassallos arrenegassem e tornassem à religião antiga, porque não queria no seu Reino uma Lei que tanto mal fizera a seus dous filhos, ambos despojados dos Reinos, um porque o desejava ser; mas ninguem obedeceu a tão impio decreto» (1).

A cedência de Nagasáqui

Bento de França afirma ainda que Sumitada «em 1569 fez-nos (a nós portugueses) mercê de Nagasaki». Isto é falso; Nagasaki não foi cedida aos portugueses em 1569.

Só em 9 de Junho de 1580 é que foi assinado o contrato entre Omura Sumitada e o Visitador Alexandre Valignano, cedendo à Companhia de Jesus os portos de Nagasáqui e Mogi. Em Agosto de 1580, escrevia Valignano: «Estes dois lugares foram-nos voluntariamente cedidos por Dom Bartolomeu, não só por pensar que, desta forma, ficava mais seguro o seu feudo, mas também por considerar que assim asseguraria sempre a vinda do Grandè Navio (a *Nau de Prata*) ao seu porto» (2).

Também é falso o que afirma Bento de França: «Em vista do que deixámos exposto não haverá grande difficuldade em acreditar que Sumitanda tivesse relações com a corte portugueza e com Roma». As suas relações não iam tão longe, mas limitavam-se aos jesuítas. Kishita Matsuda diz correctamente: «Nem Nagasaki nem Mogi estavam sob o domínio de Portugal ou de Roma; foram sempre japonesas. Se bem que nessa altura, o provincial da Companhia de Jesus no Japão era um estrangeiro, era natural que, uma vez que a Companhia ali ficasse independente, o provincial fosse um japonês. O visitador P. Valignano tinha já planos para nomear um bispo japonês. Uma vez que isto tivesse efeito, o território de Nagasáqui seria entregue pela Companhia de Jesus ao seu bispo, i. é., à Igreja japonesa.

(1) P. Francisco de Sousa, *Oriente conquistado*, c. IV, d. II, p. 37.

(2) P. Manuel Teixeira, *Romagem Histórica. Impressões de uma visita ao Japão*, Macau, 1956, p. 51.

Nagasáqui permaneceu território da Igreja por sete escassos anos. Em 1587, foi anexado por Toyotomi Hideyoshi, mas continuou a prosperar como centro da Igreja japonesa até 1614».

Quanto aos lucros que os jesuítas no Japão auferiram de Nagasáqui eram 300 cruzados por ano.

Arima

A conversão de Sumitada, dáimio de Omura, levou à conversão de seu irmão Yoshisada, dáimio de Arima. Visto que D. Bartolomeu obtivera o comércio português por ter favorecido os missionários, ele, ansiando pelo mesmo resultado, convidou, em 1563, os padres para Kuchinotsu.

Encontrando o povo favorável à religião, colheram tão abundantes frutos que toda a população (cerca de 3 000) se achava convertida antes de 1570.

O senhor de Shimabara, que era vassalo e parente de Yoshisada, ambicionando também o comércio português, convidou os missionários. Para lá partiu Almeida nesse ano de 1563. A cristandade cresceu rapidamente: em 1564, 400 cristãos; em 1565, 1 000 e em 1566, 1 300.

Isto despertou o ciúme dos bonzos que pelas suas ameaças induziram o senhor de Shimabara a obstruir a obra missionária, envidando todos os esforços para levar os cristãos à apostasia; expulsou ainda os missionários, ficando abandonada essa cristandade. Muitos cristãos tiveram que emigrar para conservar a sua fé.

A rápida conversão de Kuchinotsu e as numerosas conversões de Shimabara calaram fundo no Coração de Yoshisada; mas, temendo uma rebelião, como se dera nesse ano de 1563 em Omura, pela conversão do seu dáimio, dilatou o baptismo. E só em 1573 em que Sumitada esmagou os rebeldes, é que ele pensou a sério em abraçar a fé. Três anos depois, foi baptizado pelo P. Gaspar Coelho, tomando o nome de André.

Este exemplo levou à conversão em massa, baptizando-se, em pouco tempo, inúmeros samurais e umas 12 000 pessoas. Escreve o P. Sousa: «Nos Estados de Omura se baptizaram 15 000 pessoas, se levantaram 100 Cruzes e se consagraram a Deus 30 Igrejas; e o

que mais alegrou o Dom Bartholomeu (*Sumitada*), foi o Baptismo del-Rei de Arima seu irmãos mais velho. Era este Rei ja de muitos annos affeiçãoado à Lei de Christo e considerando agora o admiravel socego e grande prosperidade, com que corriam as cousas de Omura, sem haver um Senhor gentio que se levantasse, antes havendo muitos rebeldes, que à competencia se rendiam a Dom Bartholomeu, jurando-lhe obediencia e offerecendo-se ao Baptismo para viverem mais unidos com elle na mesma Fé; mandou chamar ao Irmão Luis de Almeida seu antigo atigo, que assistia em Cochinozu, Villa do Reino de Arima e depois de bem instruido recebeu o sagrado Baptismo, ministrado pelo mesmo Missionario (1), com a Rainha sua mulher, três sobrinhos e um irmão e muitos grandes da sua Corte. Chamou-se o Rei Dom André e o dia de tão solemne Baptismo foi a Dominga de Paixão, que neste anno de 1576, cahiu aos oito de Abril. Aberta esta porta Real à Fé de Christo, foram entrando tantos por ella, que no espaço de seis mezes chegaram a 15 000. Cansados já de pregar e baptizar, adoeceram o Irmão Luiz de Almeida e o Padre Gaspar Coelho; e para que não faltassem mãos a ministrar este Sacramento, quando inundava a graça do Espirito Santo, aportaram em junho a Cochinozu tres Missionarios, que foram os Padres Affonso Gonçalvez, Christovão de Leão e João Fernandez, os quaes com alguma noticia da lingua Japoneza adquirida em Macau em quanto esperavam pelo tempo de navegar, começaram logo a exercer os ministerios Apostolicos».

Mais adiante continua o P. Sousa referindo-se ao ano de 1577: «No reino de Arima, onde residia o Irmão Luis de Almeida, se converteram por uma vez mil e quinhentos com todos os Bonzos de Nagaye. Vespera do Natal se baptizaram os moradores de quatro fortalezas e de três lugares, cujos senhores se abraçaram com a cruz de Christo. Em Ximabara houve um Baptismo de septenta. E para não faltarem Baptismos de sangue, martyrizou o Izafay dez pessoas; e não diz mais sobre estes martyrios o Irmão Almeida. Junto à cidade de Arima se edificou uma formosa Igreja, e dos gentios, que concorreram a ella, se converteram logo cincoenta».

Em 1578, foram expulsos de Arima o ir. Almeida e o P. António Lopes, indo ambos para Amakusa.

(1) Foi o P. Coelho que o baptizou.

Gotô

Esta palavra é composta de dois vocábulos: Go=cinco; tô= ilha. O Arquipélago de Gotô (*Cinco Ilhas*) fica perto de Kyushu, sendo as ilhas mais ocidentais do Japão.

O P. Laures informa: «Em 1563, o senhor das ilhas de Gotô pediu um médico ao P. Torres. Este acedeu ao seu pedido, enviando para essas ilhas um cristão, Diogo, em companhia do médico (1). O dáimio curou-se e pediu a Diogo que pregasse. Quando este regressou ao continente, o dáimio pediu ao P. Torres que enviasse missionários para a sua terra».

Só três anos depois é que lhe pôde enviar os Irmãos Luís de Almeida e Lourenço, japonês, que chegaram a Gotô em Janeiro de 1556.

Recebidos cortezmente, pediram licença para pregarem durante sete dias, pois tantos eram os que os bonzos levavam a falar ao povo. Tadaaki cedeu-lhes a sala dum palácio desabitado e ali se montou um estrado com um trono para esse dáimio e dois assentos para os missionários; assistia a esposa do Tadaaki, as damas da corte e 400 *samurais* (2). A prática, feita pelo irmão Lourenço, demorou três horas, sendo ouvido com toda a atenção. No fim, o dáimio confessou que estava certo de que existia apens um só Deus Criador de mundo.

Mas logo na noite seguinte, o dáimio, homem robusto e que gozara sempre de boa saúde, caiu gravemente doente. Atribuiu-se

(1) O P. Thomas Uytthenbroeck, O.F.M., no seu livro *Duo Generosi Apostolatus Saecula in Japonia*, (1549-1650); 1844-1945), p. 27, afirma que o médico e Diogo eram uma e a mesma pessoa: «O dáimio pedira ao P. Torres, então residente em Yokoseura, que lhe enviasse Diogo, conhecido médico cristão.»

O dáimio chamava-se Tadaaki (Sumiaki).

(2) O P. Sousa, no *Oriente Conquistado*, c. IV, d. I, N.º 23, chama-lhes, com razão, fidalgos: «A Rainha com a suas damas assistia detraz de umas cortinas de esteiras, tecidas com admiravel subtileza. Consistia o restante do auditório em quatrocentos fidalgos.» O mesmo repete Uyttembroeck, o. c., 27: «Estando a terminar as festas do ano novo lunar, o Ir. Almeida pediu licença para pregar a lei cristã a 400 nobres que tinham vindo a Otsuka para as celebrações do ano novo.»

isto à vingança dos deuses; a pregação foi boicotada e quando os dois jesuítas foram visitar Tadaaki, não foram recebidos.

Os bonzos ordenaram ao povo que se abstinésse de carne e observasse castidade enquanto eles faziam preces especiais pela saúde de seu senhor aos deuses Kami e Hotoke.

Punha-se agora o dilema:—se este morresse, a culpa era dos missionários, se se curasse, a cura atribuir-se-ia aos ídolos Kami e Hotoke

Piorando o rei, Almeida mandou-lhe dizer por um *samurai* que ele se oferecia para o tratar, sendo admitido. Assim foi e Tadaaki recuperou a saúde. Almeida viu-se então mimoseado com presentes da corte dos *samurais*, que consistiam em caça e peixe.

Com eles preparou um lauto banquete, para o qual convidou grande número de *samurais* afim de os atrair à Fé.

Retomou-se a pregação, mas no dia seguinte à primeira prática, um pavoroso incêndio devorou grande parte dum bairro da cidade de Otsuka (Ochica) e o *dáimio* apanhou num dedo uma maldita que o fazia sofrer muito. Se bem que Almeida o curase, ele atribuiu tudo a castigo dos deuses.

Assim, à terceira prática pouca gente assistiu e no quarto dia a sala estava deserta.

O *dáimio* desinteressou-se dos missionários e os seus súbditos seguiram-lhe o exemplo.

Vieram quebrar este *impasse* dois comerciantes de Hakata (Facata) que negociavam com Otsuka e eram doutos na sua seita. Quiseram ouvir os missionários, e, depois de bem instruídos, receberam solenemente o baptismo, o que causou profunda impressão no *dáimio* e na sua corte.

«Dahi a poucos dias, narra o P. Sousa, as duas Rainhas, esposa e mãe, e o Príncipe e todos os parentes del-Rei um apoz outro, adoeceram gravemente com maior, ou menor perigo. A todos curou o Ir. Almeida».

Apesar de tudo, ninguém se converteu durante os quatro meses que ali esteve. Desanimado, pediu ao P. Torres que o transferisse. Como o *dáimio* de Bungo reclamava a presença de Almeida, o P. Torres ordenou-lhe que regressasse a Kuchinotsu, em Hizen.

Ouvindo isto, Tadaaki e os *samurais* pediram-lhe insistentemente que ali ficasse, dando-lhe toda a liberdade de pregar, baptizar e até terreno para levantar igrejas. Tendo obtido o consentimento de Almeida, o próprio dáimio pediu e obteve a permissão do P. Torres para que ele ficasse.

Então Tadaaki e 50 *samurais* foram assistir regularmente às suas prédicas, convertendo-se 25 destes «e entre elles o Governador do Reino e um Conselheiro d'Estado, homem de grandes letras ao estylo do paiz,» segundo refere Sousa. Almeida já pregara em Okura, a légua a meia de Otsuka, mas sem fruto. Agora, ao ouvirem estes sucessos, os de Okura mandaram-no chamar «e ouvindo segunda vez o Cathecismo, se baptizou o Tono, isto é, o Senhor da terra, com 123 dos mais nobres... e tanta multidão de gente, que apenas restaram alguns gentios» (Sousa). Um famoso pagode gentilico foi convertido em igreja; e ainda «fundaram uma Egreja de planta sobre uma chapa de terra, cercada de dous braços de mar, que era o sítio mais aprasivel da Cidade» (Id.).

Guerras

Um dos *samurais* da ilha maior de Gotô, cunhado do dáimio de Firando, revoltou-se e pretendeu apoderar-se da ilha auxiliado por uma armada que lhe enviou seu cunhado.

Cincoenta *samurais* cristãos collocaram-se ao lado do dáimio e, antes de partir para a batalha, foram despedir-se de Almeida, que os exortou a armarem-se com o sinal da cruz e invocarem os nomes de Jesus e Maria.

«Os Christão, diz Sousa, se puzeram todos nas primeiras fileiras da vanguarda com Dom João, e pelejaram com tanta galhardia, que romperam o exercito contrario, e foram a causa principal da victoria: mas coma iam armados do escudo da protecção divina, nenhum morreu, nem sahiu ferido. Singular foi a valentia de um mancebo de 20 annos por nome Xisto, baptizado de pouco, o qual vendo na dianteira dos esquadrões contrarios um alentado Capitão e de bizarra presença, que bradando e combatendo sustentava a honra do seu campo, cerrou com elle proferindo com alta voz o nome de Je-

sus e de Maria, e depois de o matar o despojou das armas à vista de um e outro exercito, cousa que entre os Japões se reputa pelo summo da gloria militar.»

O fidalgo rebelde fugiu e foi pedir maiores reforços ao seu cunhado de Hirado; este mandou uma esquadra contra Gotô. No entanto, Hirado foi atacada por um inimigo e o dáimio teve de retirar a sua esquadra de Gotô para ir defender a sua própria terra.

Os bonzos propalaram que a causa de todas estas guerras era Almeida e a nova lei que ele pregava e pediram a sua expulsão, mas debalde.

O que não fizeram os bonzos, fê-lo a doença, como narra Sousa: «No tempo da guerra subiu o irmão já doente com alguns Christãos a um altissimo monte, onde dormia ao sereno sobre as pedras e não comia outra cousa senão folhas de hervas secas: e com este pasto ficou tão debilitado de forças e consumido de carnes, que mais parecia cadaver, que homem vivo. Logo que teve esta noticia a estremada caridade do Padre Cosme de Torres, o mandou reconduzir a Cockinozu». Lourenço ficou sozinho em Gotô. Em 1566, foi para lá o primeiro sacerdote, P. João Baptista del Monte, que pouco fruto colheu. De 1568 a 1570, missionou ali o P. Alexandre Vallaregio, que baptizou D. Luís, filho bastardo do dáimio, e muitos do seu séquito. Quando Vallaregio saiu do Jaão em 1570, a missão de Gotô ficou sem missionários, sendo visitada ocasionalmente por um padre ou irmão.

O P. Sousa refere: «Partiu tambem para a Europa por ordem do Padre Geral o P. Alexandre Valarrejo, deixando convertidas no Gotô 4 000 almas e quasi outras tantas em Pangim, aldea da Ilha de Goa. Quando se foi despedir de D. Bartholomeu, foi tão sensivel a magoa deste principe, que desfeito em lagrimas respondeu nestas palavras: Oh desamparada Christandade de Japão, como ficas orphã».

Arquipélago de Amakusa

Compõe-se de cinco ilhas e fica a ocidente de Kumamoto, mais ou menos ao sul de Shimabara, em Kyushu.

Shiki (1)

O Shikidono ou senhor da Shiki adoptara por herdeiro do seu estado o filho do dáimio de Arima e andava ansioso por participar do comércio português como faziam já o dáimio de Omura e o seu irmão mais velho, Arina Yoshisada. Para atrair os portugueses ao seu porto, escreveu ao P. Torres pedindo-lhe um missionário. Este enviou-lhe em 1566 o Ir. Almeida, que regressara de Gotô, incumbindo-o de fundar a nova missão de Shikki.

Sendo bem recebido, começou por pregar aos *samurais*. Shikidono apressou-se a pedir o baptismo, mas quis que fosse secretamente para evitar que os bonzos se revoltassem como havia sucedido em Omura.

Almeida adiou-lho; mas quando um navio português tocou por acaso num porto de Shiki, o daymyo renovou o seu pedido; tendo-se certificado da sua sinceridade, Almeida baptizou-o juntamente com 500 pessoas.

O Shikidono não perseverou na fé; levantou um pagode em honra de Amida e obrigou os cristãos a trabalhar na sua construção. Muitos esquivaram-se, fugindo para Nagasáki, entre os quais Gaspar e seu filho, que eram nobres e dos principais. Shikidono mandou a esta cidade emissários que assassinaram estes dois cristãos.

O castigo não se fez esperar. Como tentasse assassinar também o seu filho e sucessor do reino, foi exilado para Higo pelo dáimio de Satsuma, de quem era vassalo. Ali faleceu na apostasia, seis ou sete anos depois.

Kawachinoura

Pelo tempo em que Almeida abriu a missão de Shiki (1566), o senhor de Kawachinoura, chamado Amakuza Izer-no-Kami, pediu também missionários. Entrava nisto o desejo de atrair o comércio

(1) Os nossos antigos missionários davam os seguintes nomes às terras e pessoas de que vamos falar: Xiqui, i. é., Shiki, a nordeste da ilha de Shimojima; Ximo, ou seja, a ilha de Shimojima; Fondô, Hondo, actual capital do arquipélago de Shimojima; Amakusa, ou seja Kawachinoura, perto de Hondo, na mesma ilha de Shimojima; Tono, ou seja, dáimio; aos *samurais* davam o nome de nobres ou fidalgos.

de Macau. Mas só em 1569 é que o P. Torres pôde atender o seu pedido, enviando Luís de Almeida a abrir a nova missão, dadas as suas qualidades extraordinárias, para vencer as dificuldades iniciais.

A experiência de Shiki levou Almeida a proceder mais cautelosamente. Depois de vinte dias de estadia, deu a entender que se ia retirar. O dáimio ficou chocado e insistiu com ele para que ficasse. Ele aceitou com as seguintes condições: que o dáimio assistisse às pregações durante oito dias; que, se julgasse boa a religião cristã, um dos seus filhos menores se baptizaria para ser o sustentáculo da nova cristandade; que lhe assinalasse um local para levantar uma igreja; que todos os lugares marítimos, nas seis léguas que vão de Kawachinoura a Shiki, tivessem plena liberdade de abraçar a fé.

Tudo prometeu o dáimio e a pregação produziu abundantes frutos, segundo refere o P. Sousa.

«No glorioso dia da Ressurreição de Christo se collocaram as primicias da nova Igreja, baptizando-se o Governador da Cidade, que se quiz chamar Dom Leão, com 50 pessoas da sua familia: seguiu-se o sogro do Governador com mais 120, muitos dos quaes eram gentis-homens do Tono: dahi a breves dias se converteram perto de 700 na Cidade e 400 nos arrabaldes: conduzindo muito a tão copiosa messe o zelo de Dom Leão, que não se desvelava menos pela salvação dos outros, que pela sua propria.»

Os bonzos não ficaram inertes e resolveram destruir no berço a nova cristandade. Disseram a dois irmãos do dáimio que este só dava ouvidos a D. Leão, governador de Kawachinoura, e que deles nenhum caso fazia; que nem os consultara para introduzir ali a nova fé; que D. Leão se poria à frente dos cristãos e em breve seria o árbitro absoluto daquelle principado, ficando eles postergados.

Os dois irmãos aceitaram a protecção dos bonzos e resolveram desfazer-se de D. Leão.

Para execução do seu plano, meteram 700 homens dentro dum dos seus palácios para, ao romper da aurora, assassinar o governador, um seu cunhado e toda a sua familia. Mas antes mandaram aviso ao dáimio, que lhes respondeu que, se matassem o seu governador, também ele se mataria.

«Pois mate-se embora, replicaram os irmãos, e corte logo a barriga».

Foi incumbido de levar esta resposta ao dáimio um bonzo dos principais, «o qual, diz o P. Sousa, por não acrescentar ao caso maior odio e atrocidade, tanto batalhou com o Tono, que à força de rogos o persuadiu a se não matar e a condescender com a insolência dos irmãos». No entanto, o dáimio mandou avisar o governador do que se passava. Quando o mesmo bonzo foi a casa de D. Leão a intimá-lo a que praticasse o *harakari* ou se rendesse, achou o palácio cercado duma fortíssima estacada com 600 cristãos para o defender.

D. Leão respondeu que «nenhuma vontade tinha de cortar a barriga, que lha fossem elles cortar, se quizessem, porque os estava esperando, como mereciem hospedes tão honrados».

Os dois irmãos não se atreveram a atacá-lo, mas mandaram-lhe dizer que ou abandonasse a fé ou a ilha. Ao que ele respondeu:—«Nem uma cousa, nem outra: quanto à Fé, primeiro me tirarão o coração do peito; quanto ao desterro, só o Príncipe meu senhor tem jurisdição para me desterrar e só a ele obedecerei como leal vassalo.»

O dáimio, para acalmar os ânimos pediu a D. Leão que fosse viver fora da ilha, onde melhor lhe parecesse e ele retirou-se com os seus para Kuchinotsu.

O Ir. Almeida, pouco depois, abandonou também a ilha, ficando a cristandade, sem missionários. Apesar de tudo, estalou a revolta e o dáimio foi obrigado a refugiar-se em Hondo, depois de perder quase todas as fortalezas. O P. Sousa diz que os rebeldes, «com ajuda del-Rei de Saxuma se fizeram senhores da Ilha toda, excepto uma só praça, em que o Tono se fortificou».

No entanto, com o auxílio do Shikidono, ele conseguiu recuperar as praças perdidas e regressar a Kawachinoura.

Mandou então chamar o Ir. Almeida, que converteu muita gente, incluindo o próprio dáimio e o seu filho; estes dois foram baptizados em 1570, pelo novo superior, P. Francisco Cabral, que

sucedera ao P. Cosme de Torres, falecido em Shiki, a 2 de Outubro de 1570.

O dâimio, que se chamava Amakusa Izuno-Kami (Amakusa Hisatane), tomou no baptismo o nome de D. Miguel; e seu filho, que se chamava Amakusa Tonemoto, recebeu o nome de D. João.

O P. Sousa refere: «O Tono de Amacusa, restauradas as suas fortalezas e victorioso de seus inimigos, se resolveu seguir a Lei de Christo e despachou um seu confidente ao Padre Francisco Crabal, para que o fosse logo baptizar. Não dilatou o Padre a jornada e acompanhado do valoroso D. Leão com toda a sua familia e do Ir. Luís de Almeida, que no anno 1569 haviam sido desterrados pelo Evangelho... foi recebido quasi em triumpho de todos aquelles Christãos pela qualidade de sua pessoa e pelo grande amor que todos tinham a D. Leão por defensor da Fé e do Irmão Almeida por primo meiro Apostolo de Amacusa. Baptizou-se com o Tono, que se quiz chamar Miguel, uma grande multidão de gente e um seu filho bastardo (*que se chamou João*) de 18 annos de idade e de grandes prendas naturaes... Finda a solemnidade dos baptismos, se partiu o P. Superior para Bungo e passando por Fondô (*Hondo*), fortaleza de D. Miguel, fabricou uma Igreja e baptizou 20 dos principaes e os mais ficaram tão abalados, que até Setembro do mesmo anno se agregaram a Christo 2 000 pessoas com as pregações do Ir. Almeida».

Mais adiante, continua Sousa: «Em Amacusa com as industrias do Irmão Luis de Almeida e com o zelo do seu principe D. Miguel, se fabricaram muitas Igrejas e de novo se aggregaram a Christo septecentas almas. Quiz embaraçar o demonio estes progressos por meio de um japonéz, que tinha servido de Catequista ao Irmão Almeida quatro annos: e suppondo-se grande Theologo, fabricou uma Ermida, desejoso de ter sequito e discipulos e separou da communicação dos Padres e da frequencia da Igreja mil e quinhentos Christãos, que já o ouviam como mestre o respeitavam como anacoreta. E se D. Miguel não sopeasse este scisma e castigasse a leviandade deste homem, teriamos talvez em Japão algum novo heresiarco, pois não se esperava menos da sua ignorancia e soberba».

Dentro de poucos annos, baptizou-se todo o povo e até quase todos os bonzos, (Fróis diz que eram 10 a 12 000 habitantes) e levantaram-se ali 35 oratórios.

Luís de Almeida foi ordenar-se a Macau em 1580. Regressando ao Japão, foi nomeado reitor da casa e residência de Amakusa e, como tal, tomou parte na grande consulta dos missionários do Japão, organizada e presidida pelo Visitador Alexandre Valignano em 1580-1581. O resultado foi o seguinte, como refere o P. Sousa: «Dividiu o Padre Alexandre (*o Japão*) em tres partes, a saber, Ximo, Bungo e Meaco. Bungo também é parte do Ximo, mas os Padres costumavam fazer esta differença. Em cada uma destas tres partes constituiu um Superior universal, a quem obedeciam todas as mais Casas e Residencias daquelle territorio. Estres tres superiores eram subordinados a um Vice-Provincial, que se constituiu no anno de 1583 e o primeiro foi o Padre Gaspar Coelho».

Morte de D. Miguel

Achando-se às portas da morte em 1582, D. Miguel, dáimio, de Amakusa, mandou chamar o P.^e Almeida, superior da residência, para o ajudar a bem morrer. Os seus vassallos eram todos cristãos e havia nas suas terras mais de 39 igrejas. O P. Fróis refere: «adoeceu este anno gravemente, e sentindo-se propinquo à morte, ajudou-se muito do P.^e Luiz de Almeida, que consigo alli teve sempre, e estando cercado de grandes dores, que o oprimião, mandou chamar seos filhos, os parentes propinquos, e criados antigos de sua Caza q governavão a terra, e lhes disse como para aquella hora tinha já de muito tempo guardada em seo peito hũa couza q lhes dizer, a qual era pedir-lhes q fossem todos muito firmes na fé, e que não houvesse couza q os apartasse da Ley de Deos» (1).

A 1 de Maio desse anno de 1582, ofereceu umas armas suas à igreja e sua mulher D. Gracia um seu rico vestido aos pobres.

Faleceu santamente, sendo enterrado com toda a solemnidade a 5 de Agosto, tomando parte no acompanhamento o P. Gaspar Coelho, vice-provincial do Japão, segundo informa Fróis:

«Foi lá o P.^e V. Provincial com alguns P.^{es}, e Irmãos, e os meninos do Seminario, e se lhe fez hũ dos mais nobres enterramentos, q athe aquelle tempo se tinhão feitos em Japão, por ser isto couza de q os Japoens em particular fazem muito caso.

(1) Ob. cit. p. 294.

Dia de Nossa Senhora das Neves Ihe mandou Dona Gracia fazer hum saimento, e deo naquelle dia de comer a passante de mil pobres, e fez outras muitas esmollas, e o mesmo fez seo filho herdeiro Dom João» (1).

Delicadezas dos piratas...

Referindo-se ao ano de 1570, conta o P. Sousa: «No Ducado de Quinsuquí, sujeito a um Tono tributario del-Rei de Bungo, entrou este anno a Fé de Christo, levada pelo insigne Missionario Ir. Luiz de Almeida, que na primeira entrada purificou na fonte de graça 24 pessoas e voltando segunda vez a visitar o Tono, que o recebeu com especialissimas honras baptizou mais 30 da seita de Jenzús, que são os mais difficultosos de se converterem, por negarem a immortalidade da alma e tudo quanto cremos da vida futura. Terceira ves passou pelo mesmo Ducado e baptizou outros, cujo numero não declara. E para que se saiba o que os nossos operarios padeciam nesta continua peregrinação de uns lugares a outros, atravessando muitas vezes largos braços de mar, que retalhão todo o Ximo, contarei aqui o que succedeu este anno ao Irmão Almeida querendo passar de Tacaxe a Omura, para se confessar e receber o Sacramento da Eucharistia, Quinta feira da Semana Santa. Foi-lhe necessario cortar septe legoas de travessa, para se pôr da outra banda nas terras del-Rei de Arima, e indo já correndo a costa de longo com vento prospero, lhe sahiram dez parós de ladrões, que estavam encostados a terra, e fazendo-se senhores da embarcação, o despiram até da camisa e do mesmo modo aos marinheiros. Grave tormento foi este para o Irmão Almeida; por ser então a força do inverno, e tudo era neve na terra, e no mar frio intoleravel ao achaque, que padecia. Roubadado tambem o paró de quantos trapos levava, lhe tomaram os remos, as amarras, as ancoreaas, e ate as esteiras e drissas e os deixaram a misericordia de Deus, afastados da terra um quarto de legoa. Succedeu à crueldade dos ladrões a furia do vento, que em vez de os chegar a costa, supprindo a falta dos remos, os foi levando mais para o mar e quanto mais se amarravam, tanto mais cresciam as

(1) Ib., 295.

ondas e recrescia o frio da noite. Esperavam os miseraveis pela luz do sol, que os aquecesse, e viram-se pela manhã investidos de um tempo tão carrancudo e de um temporal tão rijo, que a cada onda se consideravam alagados e as vezes totalmente soçobrados. Já bem declarado o dia, descobriam no fundo da embarcação tres pedaços de esteira, que por mui velhos escaparam do sacco, e com um delles se cobriam da cabeça até os hombros o Irmão Almeida e um marinheiro: coube o segundo a um nosso Irmão Japonez e a tres marinheiros que pelo excesso do frio estavam abraçados uns com os outros: e os mais robustos ficaram descubertos: e do terceiro pedaço fizeram uma veda para ver se podião tomar a terra, donde haviam partido aquella noite, da qual distariam cinco legoas e duas da costa de Arima. No meio deste pequeno golfo se desaforou de todo a tormenta e os mares eram tão altos como no Cabo de Boa Esperança: e se porventura eram menores, não desigual o medo e o perigo; porque em cada mar, que os accommettia, viam o ultimo instante de sua vida. Já sobre a tarde, mortos de frio e todos molhados, se metteram guiados por Deus por um canal entre dous Ilheos e foram varar em um areal cinco legoas de Tacaxe, onde os esperavam muitos pescadoras, que com grande caridade os levaram para suas casas e os proveram até de vestidos para se cobrirem. Na manhã do dia seguinte, que era Quinta feita sancta, se partiu o Ir. Luis de Almeida para a Vila de Tacaxe já melhor enroupado e a prima noite se tornou a metter ao mar e no meio do golfo foi tal a tempestade por popa, que a meia noite chegou a Cochinozu jornada de quinze legoas, onde acompanhou ao Padre Belchior de Figueiredo nas tristezas da Sexta feira e nas alegrias de Pascoa. Tantas e tão repetidas fadigas nos custou aquella missão, pela qual ainda hoje suspiram os verdadeiros filhos da Companhia.» (1)

Tsuchimochi

Pouco antes do baptismo de Ôtomo Sôrin, dáimio de Bungo, o dáimio de Satsuma, Shimazu Yoshihisa, invadiu e conquistou a grande provincia de Hyuga, que confina com o estado de Bungo. O senhor de Hyuga, Itô Yoshisuke, foi refugiar-se em Bungo com seus netos e nora, que era filha da irmã mais velha do dáimio de Bungo. Ôtomo Sôrin reuniu 40 000 homens dos cinco reinos de que era se-

(1) *Oriente conquistado*, c. IV, d. I. p. 65.

nhor, nomeou general a Tawara Chikakata, irmão de sua primeira mulher, para atacar Hyuga. Ao ver o seu poderio, logo se lhe renderam 17 fortalezas. O senhor de Tsuchimochi, chamado Tsuchimochi Chikanari, que se confederara com Satsuma, foi morto.

No entretanto, foi baptizado Ôtomo Sôrim com o nome de D. Francisco e então determinou passar ao estado de Tsuchimochi, que era a mais amena das terras conquistadas e fundar lá uma cidade só de cristãos. Partiu de Oita, a 4 de Outubro de 1578, com sua mulher Júlia e seu filho D. Sebastião (que antes do baptismo se chamava Yoshimune) e 300 cristãos dos mais nobres e virtuosos. Conta o P. Luís Fróis: «O P.^e Francisco Cabral hia em outra embarcação levando consigo por entretanto tres Irmãos, foi João de Torres, Japão, para pregar aos q. de nove se convertessem, e o ir. Luiz de Almeida q. de proposito mandou chamar de Sacuna (*Satsuma*), aonde havia já perto de hum anno q. rezidia, porq. para estas novas empresas tinha de Deos particular talento, e outro Irmão mancebo por nome Andre Douria» (1).

Enquanto Sôrin se ocupava em levantar ali uma fortaleza e uma igreja, seu filho, de 22 anos, que ficara em Usuki para passar com um exército a Hyuga, resolveu abraçar a fé, sendo instruído pelo P.^e Luis Fróis, que adiou o seu baptismo para melhores tempos.

No entanto, o daimio de Satsuma armou uma cilada ao inábil general Chikakata, conseguindo derrotá-lo e matar-lhe 20 000 homens.

Sôrin, cheio de pavor, regressou imediatamente a Usuki.

O P. Cabral mandou buscar Luís de Almeida, como refere Fróis: «Mandou logo o P.^e hum cavalo, q. alli acaso se achou, por não haver outro, em busca do Irmão Luiz de Almeida, q. estava dalli em outro logar affastado, e se lho não mandara não pudera chegar por sua velhice (2), e enfermidades, posto ã o P.^e pelas suas não tinha da cavalgadura menos necessidade, q. o Irmão, todavia por acudir ao Irmão, dissimulou cõ a sua» (3).

(1) Pe. Luis Frois, *Segunda Parte da Historia de Japam*, p. 32-33.

(2) Almeida, nascido em 1525, tinha 53 anos.

(3) *Ib.* p. 77.

Fugiram à pressa, deixando ali muitas preciosidades, retábulos, livros, peças de damasco, cetins, chamalotes, veludos, almíscar, e vinho de missa, puseram fogo à casa e à igreja acabada de construir e foram no ençalço de Sôrin. Só dois dias depois é que Almeida conseguiu apanhar os fugitivos já em terras de Bungo. «Alli veio ter com o P.^e, e Irmãos aquella noite o Irmão Luiz de Almeida, q vinha atraz pelas razões q temos ditto o ql. não tinha passado pequenos perigos, e affrontas dos mesmos de Bonzo (*Bungo*), por vir apartado del Rey, tanto, q chegou a elle hum daquelles soldados, e cõ grande colera, e ira lhe perguntou se era ele o Superior da Casa q fazia emburilhar o Reyno, e era cauza de tamanha destruição? Ao qual o Irmão apenas pode aplacar ainda cõ dizer ã não era elle, nem tinha dignidade de P.^e, q láhia o Superior diante junto cõ el Rey: e assim o largou com muitas ameaças, e injurias» (1).

Deste modo se dissipou o sonho da cidade cristã no estado de Tsuchimochi.

Sôrin, que já antes do baptismo, abdicara em seu filho Yoshimune, permaneceu sempre firme na fé; mas o seu filho não tinha as qualidades do pai; e depois de várias derrotas na guerra, apostatou e expulsou os padres de Bungo.

ORDENACÃO SACERDOTAL

Luís de Almeida foi ordenado sacerdote em Macau pelo bispo Carneiro juntamente com quatro jesuítas, como narra o P. Luís Fróis:

«No ano seguinte de 1580 chegou á Japam Dom Miguel da Gama, e trouxe consigo sinco Sacerdotes da Companhia, q o P.^e visitador logo em chegando mandou ordenar à China por em Japão não haver Bispo. Chegados ao porto de Macao acharão q não havia alli oleos para se ordenarem, nem meio para os consagrar pela falta do numero dos Sacerdotes q são para aquillo determinados, e ou se havião de tornar a Japão sem ordens, ou havião de passar tres

(1) Ib., p. 80.

annos, e sendo pa. elles hua, ou outra cousa grande desconsolação, pela necessidade em q Japão estava de obreiros foi Deos N. Senhor servido q chegassem áquelle porto de Macau hūs Frades capuchos, q vierão de Nova Hespanha com animo de entrar na China a pregar o Evangelho, e depois de haverem ententado aquella empresa, hindo a Cidade de Cantão, e não achando na terra a disposição q dezejavão para o que pretendião, se se forão ao porto onde morão os Portugueses por nome Macau, e pela providencia de Deos N. Senhor trazição consigo os Óleos da Nova Hespanha com os quaes se ordenarão e consagrarão os dittos Jirmãos, e logo se vierão p.^a Japão com muita consolação de todos, q erão bem necessarios para Japão, e dezejados quaes erão os P.^{es} Francisco Laguna, Carrião, Luiz de Almeida, Miguel Vaz, e Ayres Sanches» (1).

Fróis diz que quando chegaram a Macau, não havia óleos nem sacerdotes necessários para a ordenação, mas depois chegaram os franciscanos de Cantão. Ora estes chegaram a 15 de Novembro de 1579; portanto, os 5 jesuitas ordenaram-se pouco depois desta data.

O P. Casimiro, S. J. na «Verbo»—Enciclopédia Luso-Brasileira afirma erradamente que Luís de Almeida, S. J. se ordenou em 1582:

«Admitido na Companhia em 1555 para o grau de auxiliar leigo, em 1582 o visitador Alexandre Valignano mandou-o a Macau para receber ordens sacras. Regressando ao Japão já sacerdote, continuou infatigável no seu apostolado missionário, com fama de insigne imitador do zelo de S. Francisco Xavier».

Não podemos admitir esta data pelas seguintes razões:

1) O P.^e Fróis diz-nos que nesse ano de 1582, o P.^e Almeida ajudou a bem morrer D. Miguel, senhor das ilhas de Amakusa: «adoeceo este anno (1582) gravemente, e sentindo-se propinquo à morte, ajudouse muito do P.^e Luiz de Almeida, que comsigo alli teve sempre» (2). D. Miguel faleceu a 4 de Agosto, tendo a sua doença durado mais de 3 mescs.

(1) P. Luís Fróis, S. J. *Segunda Parte da Historia de Japam*, edit. por João Amaral Abranches Pinto e Yoshitomo Okamoto, Tóquio, 1938, p. 120.

(2) Luís Fróis, ob. cit. p. 294.

2) Temos o testemunho perentório de Ginaro: «A pedido dos cristãos e até dos pagãos do Japão, segundo refere Ginaro, no «Severio Oriental» (Nápoles 1641), Luís de Almeida é mandado pelo Padre Valignano a Macau, afim de ser ali ordenado de presbítero, ordem que lhe é conferida pelo Bispo Melchior Carneiro em 1580, com a idade de 55 anos (1).

3) O P. Francisco de Sousa diz que, «tres annos antes de morrer, navegou a Macau onde tomou todas as Ordens» (2).

Ora ele morreu em 1583; portanto ordenou-se em 1580.

4) O P. Francisco de Sousa, falando de importantes reuniões que houve no Japão em 1580-81, para tratar de vários assuntos missionários, diz que a elas assistiram, já sacerdotes, estes 5 jesuítas ordenados em Macau em 1580: «A consulta... se fez em tres lugares principaes, por não ser possivel congregar todos os Padres em um só lugar. Em Outubro se principiou em Bungo: em Julho de 1581 se continuou em Anzuquiamal em Dezembro do mesmo anno se acabou em Nangasaqui. Acharam-se nella os Padres seguintes, que todos são dignos da eterna lembrança. O Padre Francisco Cabral, que naquelle tempo era o Superior de todos. O Padre Gaspar Coelho, que depois foi Vice-Provincial. O Padre Lourenço Mexia, companheiro do Padre Visitador. O Padre Organtino, Superior das partes do Meaco. O Padre Luis Froes, companheiro do Padre Provincial. O Padre Belchior de Figueiredo, Reitor do Collegio de Funay. O Padre Pedro Ramon, Reitor do Noviciado. O Padre Belchior de Moura, Reitor do Seminario e Casa de Arima. O Padre Luis de Almeida, Reitor da Casa e Residencia de Amacuzá. O Padre Antonio Lopez, Superior da Casa de Nangazaqui. O Padre Affonso de Lucena, Superior da Casa de Omura. O Padre Balthesar Lopez, o grande, Superior da Casa de Firando. O Padre João Baptista Monte, Gonçalo Rebello, Sebastião Gonçalves, Antonio Prenestino, Francisco de Laguna, Gregorio de Espedes, Joseph Fornalete (Furlanetti), Francisco Carriom, Ayres Sanchez, Julio Piani, Affonso Gonçalves, Balthesar Lopez, o pequeno, Miguel Vaz, Christovão de Leão» (3).

(1) Cf. P. J. Peregrino da Costa, *Medicina Portuguesa no Extremo Oriente*, Baatorá, pp. 32-33.

(2) *Oriente conquistado*, C. IV, d. II, p. 92.

(3) *Oriente conquistado*, c. IV, d. II, parágrafos 91 e 92.

Resenha biográfica

Luís de Almeida distinguiu-se não só como médico mas também como missionário. O P. Francisco de Sousa dá a seguinte resenha da sua vida missionaria: *Resumo da vida do Padre Luis de Almeeida*. (Anno 1583.)

«No anno de 1583 se baptizaram nas partes do Ximo 8500 almas. Em Amacuza falleceu o P. Luis de Alemida, que navegando da India ao Japão por mercador e vendo que era mais rendoso o tracto da conversão das almas, pediu a Companhia e foi nella recebido no anno de 1555 pelo veneravel Padre Cosme de Torres, que o adiantou tanto nas virtudes e nos talentos necessarios a um insigne operario, que não foi desigual o discipulo ao Mestre. Sendo ainda secular fundou em Bungo ás suas despezas um Hospital de meninos engeitados e outro de pobres leprosos: e ja dissemos na primeira Parte as curas prodigiosas e as muitas conversões, que Deus obrava por elle. A elle se deve o mais e o melhor das novas Christadades, que se fizeram nos Reinos do Ximo. Tinha particular dom de Deus para abrir novas missões e não sendo ainda Sacerdote, se lhe commetiam as emprezas mais difficultosas, porque contrapezava de tal sorte o fervor do espirito com as regras da prudencia que nunca se mallograram por indiscretos os excessos do seu zelo. Cultivava com tanta paciencia as missões abertas de novo, que as não largava, até não deixar os neophytos tão fundados na Fé e assim fortes no espirito, que pudessem resistir á furia das perseguições, como na verdade resistiram com grande credito do Evangelho. Obra foi sua a Christandade do porto de Vocoxiura e suas pela maior parte as conversões do Gotô, de Amacuza, de Cochinozu, de Ximabâra, das Ilhas de Firando, os principios da Egreja de Funay em Bungo, e os progressos da de Cangoxima em Saxuma, aonde passou tres vezes e sempre com tantas molestias e fadigas, que apenas voltou com vida e da segunda vez que lá foi até os demonios se levantaram visivelmente contra elle em formas horrendas e medonhas e lhe deram tanta pancada, que o detiveram na cama por alguns dias. Não se pode dizer ao certo o grande numero de idolatras, que baptizou por suas mãos em varias Provincias de Ximo e entre elles muitos Bonzos e grandes Senhores, e sobre todos a D. André Rei de

Arima e a quasi oito mil dos seus vassalos. Sabia bellamente a lingua Japoneza e tinha graça particular para tractar com Principes e Senhores gentios e trazel-os ao amor da virtude e á reverencia da Lei de Deus.

Não é possivel contar os grandes trabalhos, molestias, perseguições, doenças, perigos de viagens por terra e por mar que padeceu, trabalhando em Japão 28 annos. E quando algumas vezes estava tão destituido de forças que não podia andar por seu pé, se fazia levar em braços alheios, e prevalecia tanto nelle o valor do espirito, que obrava como são estando enfermo. Um anno quasi inteiro morrou na praia de Cangoxima, aonde o lançaram os Bonzos dentro de uma cabana mal enramada, nem foram bastantes as neves do insofrível e rigoroso inverno daquellas partes para o constrangerem a largar o posto, que parecia um Paraiso em razão do grande fruto, que fazia nos Gentios e Christãos, que o visitavam de noite as escondidas, e o proviam de algum arroz para sustentar a vida. Ainda lhe succedeu peor no cume de um altissimo rochedo na Ilha do Gotô, onde esteve muito tempo ao sereno com alguns dos seus Christãos comendo hervas seccas cozidas em agua: e se escapou dos fios das catanas, que andavam no razo, esteve muito arriscado a morrer do frio e da fome, que padeceu no alto da montanha. Em Cochinozu foi necessario que os Christãos se armassem por alguns dias a defender-lhe a casa, revezando-se de dez em dez por tantas horas; porque o queriam abraçar vivo dentre nella uns assassinos comprados pelos Bonzos com grandes dadivas e maiores promessas. O muito que padeceu das mãos dos piratas atravessando de uma costa á outra se pode ver no §, 65 desta Divisão. Quanto ás obras sobrenaturaes, era opinião constante haver-lhe Deus communicado o dom de curar enfermos. Tres annos antes de morrer navegou a Macau, onde tomou todas as Ordens, que o seu grande prestimo e a muita falta que faria em Japão um anno inteiro, lhe tardaram por tantos annos. Entisicou de puro trabalho: e chegando-se ja o tempo em que o Senhor o chamava a receber a corôa da justiça devida aos bons e fieis operarios da sua vinha, se encheu a pobre casa, onde morria, de quantos Christãos podiam caber nella: uns lhe beijavam as mãos, outros os pés, chamando-lhe pae e pedindo-lhe a benção, que elle lançava a todos consolando-os com as ultimas lembranças, em quan-

to pôde fallar: e indo desfallecendo pouco a pouco, descansou em o Senhor no mez de Outubro deste presente anno de 1583 cheio de grandes merecimentos e de grandes obras em serviço de Deus e da sua Egreja, com cincoenta e nove annos de idade e vinte e oito de Religioso e Missionario. Era quando morreu Superior da Residencia de Amacuzá. Não lhe sabemos a patria onde nasceu em Portugal: e seria talvez porque nunca a declarou na Companhia; mas basta-lhe, para eterna memoria do seu nome, saber-se a missão em que morreu no Oriente».

O P.^e Diogo Pacheco tece-lhe este elogio: «É difícil encerrar numa nota, ainda que seja só um esquema, os caminhos apostólicos de Almeida. Em 1552, o rico comerciante Luís de Almeida decide consagrar a sua vida à missão japonesa. Desde então (1) vemo-lo trabalhar em Bungo, onde levanta um hospital, em Kagoshima, Yokoseura, Arima, outra vez em Bungo, Hirado, Kyoto, nas ilhas de Gotô, nas ilhas de Amakusa, Nagasaki... Em 1580, ordena-se sacerdote em Macau e volve ao Japão e à sua querida missão de Amakusa, onde morre em 1583» (2).

(1) Almeida só se decidiu em 1555 e não em 1552, como afirma o P. Pacheco.

(2) *Boletim E. D. de Macau*, Março de 1963, p. 259, nota 16.